

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DEPARTAMENTO DE  
COMUNICAÇÃO SOCIAL CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**Renata da Silva Freitas**

**“QUANDO ME DESCOBRI NEGRA” - PESQUISA QUALITATIVA  
ATRAVÉS DE UM GRUPO DE LEITURA**

Santa Maria, RS  
2021

**Renata da Silva Freitas**

**“QUANDO ME DESCOBRI NEGRA” - PESQUISA QUALITATIVA ATRAVÉS DE  
UM GRUPO DE LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial à obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.**

Orientadora: Prof. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Santa Maria, RS  
2021

**Renata da Silva Freitas**

**“QUANDO ME DESCOBRI NEGRA” - PESQUISA QUALITATIVA ATRAVÉS DE  
UM GRUPO DE LEITURA**

**Trabalho de conclusão de curso de  
graduação apresentado como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Bacharel(a) em Comunicação Social –  
Publicidade e Propaganda na Universidade  
Federal de Santa Maria.**

**Aprovado em: 09 de março de 2021 .**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dra. Milena Freire (UFSM)**

---

**Hallana da Rosa Vitoria (UFSM)**

---

**Sthefanny Saldanha de Oliveira (UFSM)**

Santa Maria, RS

2021

## DEDICATÓRIA

A todas as mulheres negras, principalmente as que fazem parte da minha família; minha divertida e brilhante irmã Andressa, minha falecida e amada vó Antônia, minhas lindas e amadas tias; Cleci, Veroni, Eni; minha iluminada dinda Fanny, minha linda e atenciosa prima Elifrâncis, e a pessoa mais importante da minha vida, minha mãe, Roseli

## AGRADECIMENTOS

Se houvesse uma descrição de uma só palavra para o ano de 2020 seria catastrófico. Foi um ano difícil, doloroso, perdemos muitos, perdemos muitos dos nossos. Escrevi estas páginas em meio a uma pandemia mundial, em meio ao medo, à dor, e principalmente, sozinha, isolada. Estas páginas foram escritas em meio aos caos. Enquanto observava o mundo pela janela, um mundo que nunca havia visto.

Desde a escolha deste tema eu sabia que seria difícil, que seria doloroso, mas não imaginei que seria tanto, não imaginei que sentiria tanto. O mundo não é um lugar fácil para as mulheres, para as negras, gordas e pobres como eu, muito menos, escrever sobre as vivências é complicado, por muitas vezes se escreve sobre algo que se conhece de perto, como se não conhecesse. Este trabalho por muitas vezes foi um grande nó na garganta, lágrimas nos olhos e noites sem dormir, mas também foi risos, gargalhadas e abraços virtuais.

Este trabalho foi um troféu para mim, aprendi muito com tudo que li, com tudo que ouvi e todas as experiências que me foram relatadas. Realizar um grupo de leitura foi a melhor decisão que tomei. Conhecer e dialogar com essas mulheres foi sensacional, me sinto privilegiada por ter a possibilidade de construir junto a elas.

Agradeço aos meus pais por estarem comigo sempre e me possibilitarem ser a pessoa que eu sou. A minha mãe por ser a minha muralha, me levantar e sempre estar ao meu lado, por me ensinar o que é ser uma mulher, por ser um exemplo de sobrevivente, e principalmente por me incentivar a não desistir, eu te amo. Agradeço ao meu pai por estar presente, por, mesmo de longe, estar perto, por ser quem é para mim e para as pessoas que eu amo e por me ensinar que existem diversos caminhos e todos me levam de volta pra casa.

A minha irmã, Andressa, por ser a artista que é, não só no ateliê, mas na vida, por mostrar que sempre dá certo, por ser um mar de tranquilidade em meio ao caos, por agradecer o mundo com as belezas que faz, e por ser minha irmã. A minha irmã Thays, por não deixar que eu me esqueça de ser criança e de ver o lado feliz das coisas, amo vocês. Ao meu namorado, Matheus, que sempre esteve com os braços abertos para me receber, que secou as minhas lágrimas e disse que tudo ia ficar bem, obrigada por me lembrar que sou capaz, te amo.

Aos meu familiares, meus tios, minhas tias, em especial a minha dinda, Fanny, por estar sempre aqui por mim, por me acolher como filha e me proteger como se fosse uma,

obrigada! A minha prima, Elifrâncis, que é como se fosse minha irmã, obrigada por todos os momentos, pelas correções, por estar sempre presente, por ser quem você é. Aos meus orixás e todo o povo que anda comigo, que me mantém de pé e que sempre está me guardando. A Deus por me permitir estar viva e o melhor, me permitir viver

A minha amada orientadora, Milena, dona do melhor sotaque e do coração mais quente deste mundo, obrigada por estar aqui e por fazer esse trabalho acontecer. Pelas mensagens de afeto, pelo carinho de todos os dias, pela orientação repleta de amor, e por compartilhar um pouquinho da tua família comigo, sentirei falta. Obrigada por acreditar e por topar um trabalho desses, numa circunstância destas, obrigada por tudo!

Aos meus amigos, a Alícia, por estar há mais de 13 anos ao meu lado, e me lembrar de como eu sou sortuda por ter a sua amizade, por ser essa pessoa sensacional, que abraça o mundo, que tem o abraço mais gostoso e que sempre esteve aqui. Sempre. Obrigada. Ao Elton por me apoiar, mesmo sem entender nada e por estar disposto a me amar como eu sou. À Fabiana e ao Richard, obrigada por serem vocês, por não deixarem eu me esquecer de me divertir e por mostrar que a nossa amizade vai para toda vida.

As minha meninas, Carollina Zappe, Nathália Velasques, Paloma Steinhaus e Vitória Damião, que estiveram comigo desde o início da graduação, com muito apoio, risadas e diversão. Vale lembrar que sim: eu vou morrer de saudade da graduação. Mesmo passando o último ano longe, sempre nos mantivemos perto e assim sempre será. Também agradeço ao Eduardo Moura por me lembrar de sempre levar um lanchinho e por sempre estar presente, amo vocês!

E muito obrigada a todas as meninas que participaram deste trabalho comigo, que se dispuseram do seu tempo e abriram as suas maiores dores no nosso grupo, obrigada por fazerem isso aqui possível, sem vocês, nada seria possível.

Agradeço muito a minha banca, que fez com que esse trabalho chegasse onde chegou, há leitura atenta e ao carinho de cada uma delas, Hallana e Sthefanny, muito obrigada!

Ao grupo de leitura, principalmente a Taiane, Gabriele e Alícia Quinhones por estarem presentes neste ano complexo e por me lembrarem das coisas boas da vida.

Meu último agradecimento vai a todas as mulheres negras que vieram antes de mim, que fizeram com que eu chegasse até aqui, que possibilitaram tudo isso. Espero poder contribuir com algumas também. Sempre será nós por nós!

Quero que um dia as meninas pretas não demorem tanto quanto eu, quero que as meninas pretas se enxerguem em cores, amores e poesia. Quero as mulheres pretas na luta, olhando seu reflexo e dizendo: SOU PRETA! Não houve nada mais libertador na minha vida do que sentir-me e reconhecer-me: nem morena, nem mulata: SOU NEGRA!

(OLIVEIRA, 2014).

## RESUMO

### QUANDO ME DESCOBRI NEGRA - PESQUISA QUALITATIVA ATRAVÉS DE UM GRUPO DE LEITURA.

AUTORA: RENATA FREITAS

ORIENTADORA: MILENA CARVALHO BEZERRA FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ

Este trabalho tem como objetivo principal analisar, a partir da realização de um clube do livro, como a leitura e a partilha de experiências contribui para o reconhecimento dos processos de autoidentificação entre mulheres negras. A autoidentificação como mulher é um processo que vai de encontro com a negritude e com o seu lugar na sociedade enquanto mulher negra. Este estudo fundamenta-se através do conceito de racismo estrutural de Almeida (2018) para realizar uma base teórica sobre o racismo no Brasil atualmente. Aborda-se o conceito de branquitude, autoidentificação com o aporte teórico de Schucman (2014), Ribeiro (2019) e questões que ligam raça e mídias com hooks (2019). Além da definição de feminismo negro pela perspectiva de Kilomba (2019), juntamente com seu conceito de mulheres negras como “o ‘outro’ do outro”. Em relação à metodologia, este trabalho se desenvolve em uma perspectiva qualitativa e caracteriza-se como descritiva. Foi realizado um grupo de leitura inspirado na metodologia de um grupo focal, com 5 mulheres negras, utilizando como suporte comunicacional o livro “Quando me descobri negra” de Bianca Santana. Através deste grupo conseguimos concluir que a leitura de mulheres negras pode contribuir para o processo de autoidentificação de gênero e de raça. Percebemos como uma leitura pode ser importante para debater e levantar questões às quais elas não haviam pensado. Este estudo também sugere que conceitos como colorismo podem agir de forma diferente na autoidentificação destas mulheres, assim como a transição capilar e a aceitação dos seus próprios cabelos.

**Palavras Chaves:** Mulher negra. Autoidentificação. Grupo focal. Identidade Negra. Negritude. Feminismo Negro. Livro.



## ABSTRACT

### THE MOMENT WHEN I FIGURED OUT I WAS BLACK – QUALITATIVE RESEARCH THROUGH A READING GROUP.

AUTHOR: RENATA FREITAS

RESEARCH ADVISOR: MILENA CARVALHO BEZERRA FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ

This paper aims to analyze, as from a reading group accomplishment, how the reading and sharing of experiences contribute to the acknowledgement of self-identification processes among black women. The self-identification as a woman is a process linked to negritude and the place which a woman occupies in society as being black. This research study is based on the concept of structured racism of Almeida (2018) aiming to achieve a theoretical basis of racism in Brazil. The concepts of branquitude and self-identification are approached with the theoretical contribution of Schucman (2014), Ribeiro (2019) and concerns which link media and race by hooks (2019). Besides, we approach the definition of black feminism as from the perspective of Kilomba (2019), together with the concept of black women as “the ‘other’ of another”. As regard the methodology, this paper evolves in a qualitative perspective, featuring as a descriptive one. A reading group has taken place inspired in the methodology of a focus group, composed by five black women, taking as communicational basis the book “The moment when I figured out I was black” written by Bianca Santana. After the accomplishment of this focus group, we find out that the reading of black women by black women can contribute to the self-identification process of gender and race. We realized how the process of reading can be meaningful in the debate and approach of issues which they have not considered yet. This paper also proposes that concepts as colorism can act in a distinct way in the process of self-identification of these women, as well as in hair transition and in the acceptance of their own hairs.

**Keywords:** Black woman, Self-identification. Focus group. Black identity. Negritude. Black Feminism. Book.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Ilustração 1** - Imagens da capa, contracapa e capítulos do livro

49

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Participantes do grupo de leitura	53
<b>Tabela 2</b> - Questões aplicadas durante o grupo de leitura	54

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 RACISMO NOSSO DE CADA DIA</b>	<b>17</b>
2.1 RACISMO ESTRUTURAL	17
2.2 BRANQUITUDE	22
2.3 COLORISMO	25
2.4 OS DISCURSOS QUE CONSTROEM O RACISMO: O PAPEL DA MÍDIA	27
<b>3 MULHERES NEGRAS: RAÇA , CLASSE E GÊNERO</b>	<b>33</b>
3.1 FEMINISMO NEGRO	33
3.2 O CORPO NEGRO: OBJETIFICAÇÃO, SEXUALIZAÇÃO E DENOMINAÇÕES AMENIZADORAS	37
3.3 AUTOIDENTIFICAÇÃO COMO MULHER NEGRA	42
3.4 PERCEBER-SE COMO DIFERENTE	45
3.5 A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA - IDENTIDADE, SUBJETIVAÇÃO DAS IMAGENS DE CONTROLE	47
<b>4 METODOLOGIA</b>	<b>49</b>
4.1 A METODOLOGIA	49
4.2 O GRUPO DE LEITURA	57
4.3 COLETA DE DADOS	58
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>60</b>
5.1 MULHERES NEGRAS E A LITERATURA	60
5.2 RELAÇÃO COM A AUTODENOMINAÇÃO COMO MULHER NEGRA E A LIGAÇÃO COM A SUA RAÇA/NEGRITUDE	65
5.3 VIVÊNCIA, NEGRITUDE, HIPERSSEXUALIZAÇÃO E RELACIONAMENTOS.	68
5.4 MULHERES NEGRAS E A COMUNICAÇÃO	71
5.5 PERCEPÇÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE O GRUPO	74
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>79</b>
<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia nasce de uma vivência minha<sup>1</sup>, de indagações e da falta de um local que me apresentasse por onde começar a estudar sobre a minha negritude. Se descobrir como mulher negra e entender a representação desse aspecto na própria vida é difícil. Este trabalho parte com a missão de mostrar a outras mulheres negras que elas não estão sozinhas. O racismo é uma realidade na vida das pessoas negras e, embora seja um assunto muito comentado, o racismo está estruturalmente enraizado na sociedade, nas instituições e principalmente nos indivíduos. Com este trabalho eu busco não apenas agrupar um número de conceitos e dados, mas também auxiliar na reflexão sobre as agressões sofridas por mulheres negras durante todos esses anos.

A intenção desta monografia surge da ideia de atrelar com um processo pessoal. Em paralelo, manifesta-se da preocupação de como abordar o tema de racismo e de autoidentificação sem ser um processo agressivo ou invasivo. Durante as pesquisas encontrei o livro “Quando me descobri negra”, da Bianca Santana, que falava exatamente do processo de racialização pelo qual eu estava passando e que poderia ser utilizado como uma forma mais sensível de adentrar o assunto junto a outras mulheres negras. Utilizei da comunicação, neste caso, de um livro, como veículo comunicacional para dialogar com mulheres negras; veículos comunicacionais são meios que transferem conhecimento e notícias ao público. Embora os livros não sejam a melhor maneira de informar uma notícia, para o assunto que estamos abordando se mostrou um ótimo veículo. Para entender minimamente como ocorreu ou como ocorre o processo de se identificarem com seu próprio corpo e o lugar que ele ocupa na sociedade. Em relação ao nosso problema de pesquisa temos: A leitura de uma literatura escrita por uma mulher negra poderia favorecer ou facilitar a autoidentificação e o processo de negritude de mulheres negras?

Este trabalho pode ser justificado por duas principais formas, primeiramente pelo seu viés acadêmico, por ser uma obra que contém majoritariamente mulheres negras, entre elas, a autora, participantes e referencial teórico. Além disso, este trabalho fica na academia como material de pesquisa e como mais um passo na ocupação deste espaço por essas mulheres, para que mais mulheres negras pesquisem e produzam pesquisas acadêmicas. Por uma segunda perspectiva, este trabalho tem um cunho social, onde incentiva a leitura de autoras negras por mulheres negras, para que elas possam cada vez mais ter contato com a literatura e

---

<sup>1</sup> Peço licença para escrever em primeira pessoa em momentos em que a pesquisa e os objetivos delas perpassa a minha vivência como autora.

com a leitura. Além de auxiliar e servir como uma fonte de informações para que se introduza em questões raciais e de negritude, possibilitando a diversas mulheres negras compreenderem como lidar com o seu processo de autoidentificação.

Relacionado aos nossos objetivos neste trabalho, tem-se como objetivo geral analisar, a partir da realização de um grupo de leitura, como a leitura e a partilha de experiências contribui para o reconhecimento dos processos de autoidentificação entre mulheres negras. Para além disso, também elencamos outros três objetivos específicos:

1. Perceber a contribuição da leitura do livro nas relações pessoais das leitoras referente ao seu reconhecimento como mulher negra.
2. Avaliar as questões que podem facilitar ou dificultar o processo de reconhecimento como mulheres negras.
3. Identificar o papel da mídia em geral no reconhecimento dos processos de autoidentificação e de representação de mulheres negras.

Neste trabalho desenvolvemos dois capítulos introdutórios sobre questões raciais. No primeiro temos como tema principal o Racismo Estrutural, onde abordamos uma retomada histórica e os conceitos sobre racismos, entre eles estrutural, institucional e individual por Silvio Almeida (2018), além de trabalhar com dados atuais de jornais e pesquisas online, ambos de fontes confiáveis. Junto a isso, ainda neste primeiro momento abordamos questões da branquitude através dos conceitos de Lia Schucman (2014), Djamilia Ribeiro (2019) e questões que ligam raça e mídias com bell hooks (2019). Neste primeiro capítulo nossa intenção é contextualizar o(a) leitor(a) sobre o racismo, tanto do ponto de vista teórico, quanto seu funcionamento nas práticas e relações sociais na atualidade.

No segundo capítulo, tratamos sobre feminismo negro pela perspectiva de Grada Kilomba (2019), juntamente com seu conceito de mulheres negras como “o ‘outro’, do outro”. O conceito de interseccionalidade é apresentado tendo Ribeiro (2018) como apoio referencial. Também refletimos algumas imagens de controle às quais mulheres negras são submetidas, através do pensamento de Patrícia Hill Collins, apresentado por Winnie Bueno (2020). Assuntos relacionados à identidade e ao cabelo com hooks (2017) e autoidentificação como mulheres negras utilizando conceitos de Bueno (2020), Ribeiro (2018), Ana Maria Niemeyer (2002). Neste capítulo o foco é abordar a mulher negra, como ela é reconhecida na sociedade, a sua relação consigo mesma e os diversos fatores que estão atrelados ao fato de ser uma mulher negra na sociedade.

Após abordar estas questões teóricas, apresentamos a metodologia utilizada para produzir este trabalho, onde detalhamos todo o caminho trilhado para a realização do grupo

de leitura, com base nos pressupostos do grupo focal de Desirée Motta-Roth e Graciela Hendges (2015), além do apoio técnico de Ricardo Thornton (2005). O grupo tem como principal meta dialogar com mulheres que já passaram ou ainda estão passando em relação a sua autoidentificação.

Seguidamente iremos abordar cinco categorias de análise através dos resultados obtidos do grupo de leitura. As categorias são classificadas em:

1. Mulheres negras e a literatura.
2. Relação com a autodenominação como mulher negra e a ligação com a sua raça/negritudes.
3. Vivência, negritude, hipersexualização e relacionamentos
4. Mulheres negras e a comunicação

Na primeira categoria iremos abordar a forma como as mulheres participantes do grupo de leitura sentem-se em relação ao livro escolhido e a literatura. Desta forma, discorreremos sobre a questão da aproximação com a leitura e a identificação ou não com o livro sugerido por nós. Realizando assim, uma categoria introdutória. No segundo tópico nosso objetivo é compreender como se dá a autodenominação destas mulheres e principalmente qual a ligação delas com a sua raça e a sua negritude, utilizando os aspectos e relatos do livro como meio de aproximação das participantes.

Em uma terceira categoria nos aprofundaremos na relação com elas mesmas e a sua negritude, de uma forma mais pessoal, compreendendo as suas vivências e assuntos que são delicados, mas infelizmente fazem parte da vida de uma mulher negra. Nesta categoria teremos a parte mais dolorosa de ser uma mulher negra e lidar com essa questão todos os dias. Já na nossa última categoria estreitamos os laços entre essas mulheres e a comunicação, principalmente a forma com que elas se vêem e a forma com que consomem a mídia, seja ela através da literatura, TV ou mídias sociais. Pretendemos compreender de que forma essas mulheres se relacionam com a comunicação e qual o nível de contentamento delas com a mesma.

A análise se dará através da ligação e da justificativa das falas das participantes com o nosso referencial teórico. Utilizaremos assuntos abordados na parte teórica desta monografia e a relacionamos com as respostas das nossas participantes. Assim, utilizaremos a fala delas para comprovar teorias de nosso referencial teórico. A análise será separada por quatro tópicos, como já exemplificado acima. Além disso, em cada tópico compilamos as respostas referentes ao mesmo assunto, assim, conseguiremos ampliar o diálogo e expor a opinião de todas as participantes sobre determinado assunto.





## 2 RACISMO NOSSO DE CADA DIA

Neste primeiro capítulo iremos realizar um apanhado geral sobre conceitos que consideramos importantes para o início do debate. Serão apresentadas proposições principais do movimento negro, como racismo estrutural, utilizando Silvio Almeida como aporte teórico. Juntamente com Schucman em conceitos como branquitude, colorismo e o papel da mídia nas questões raciais e de representatividade. Acreditamos que a teoria que traremos através deste capítulo servirá como base para as futuras análises do grupo de leitura, além auxiliar como base de conhecimento para que possamos debater muitas outras questões.

### 2.1 RACISMO ESTRUTURAL

As pessoas não-brancas passam por atos discriminatórios todos os dias sem que haja um questionamento coletivo sobre como essas cenas foram construídas socialmente, atualmente essas ações são naturalizadas por uma grande parte da população, como afirma a pesquisa do VEJA, onde relatam que 61% dos brasileiros acham que o país é racista. A discriminação racial não se limita a atitudes extremas como ataques verbais ou físicos. O racismo é estrutural e opera de modo silencioso na sociedade, assim pessoas não-brancas possuem menos acesso à educação, maior dificuldade em conseguir emprego, menores salários e menos representatividade em produtos educativos e midiáticos, por exemplo. Nesse contexto, é preciso reconhecer que o racismo tem origem cultural, social e histórica.

O Brasil foi o último país na América Latina a abolir a escravidão. Após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, não foi concedido a nenhum negro direitos. (CARNEIRO, 2018) No caminho oposto, lhe foram atribuídos adjetivos, representações e papéis sociais que perduram até hoje. Os livros de história muitas vezes não refletem as consequências vindas desde esse período: aos negros restou os trabalhos braçais, atribuiu-se a “qualidade” de força acima da média, o que acarretou no conceito de que negros serviam apenas para trabalhos braçais, e, para as mulheres, afazeres domésticos. Uma vida “livre” iniciada sem nenhum auxílio, tem reflexos na vida de pessoas não-brancas até hoje.

Com base na abolição da escravidão e na vida que pessoas não-brancas foram obrigadas a levar, associou-se o branco como dominante perante outras classes, isso levanta o conceito de raça, de distinção e diferenciação implicando em raça, classe e gênero. O negro teve a sua imagem associada à vadiagem, sujo, preguiçoso, entre outros. (ALMEIDA, 2019, p. 21)

Neste trabalho parte-se do conceito de raça defendido por Silvio Almeida, em seu livro *Racismo Estrutural*. A raça, segundo Almeida (2019), sempre foi um divisor de águas, em um primeiro ponto em relação a animais e plantas e, após isso, a humanos. Raça tem servido como uma divisora de poderes desde meados de XVI. Com divisão e diferenciação, criam-se categorias de melhor e pior, assim, tem-se o racismo.

[...] O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminaram em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p.25)

A partir do racismo tem-se três concepções: individualista, institucional e estrutural. O racismo estrutural como o nome deixa claro é relativo à estrutura, à sociedade. Vivemos em uma sociedade que preza a divisão de raça, de classe, de gênero. A sociedade considera práticas racistas como “normais” – o que dificulta seu reconhecimento: as atitudes racistas estão normalizadas, silenciadas, não refletidas e passam despercebidas pelos sujeitos.

A partir do racismo estrutural aspectos como política, direito e economia, funcionam como ferramentas para o domínio da branquitude. Deste modo se constituem as diversas formas de racismo e suas consequências. Entre eles está o institucional, ambiental, velado, recreativo, linguístico e destes subtipos surgem milhares de outros. É uma reação em cadeia, onde um subtipo é correlacionado com o outro.

Porém, uma das formas mais evidentes do racismo estrutural está na circulação de dizeres e expressões racistas, muitas delas vindas desde o período escravagista e diversas vezes reproduzidas sem consciência da origem da palavra. Como por exemplo, a expressão “criado-mudo” utilizada para descrever um móvel ao lado da cama, mas que tem sua origem do período escravocrata, onde negros passavam as noites ao lado dos seus senhores segurando seus pertences e água. Ou ainda a expressão muito utilizada “denegrir” que é utilizada para descrever quando se difama algo ou alguém, que, por sua vez, tem origem em “tornar negro” em que o negro é utilizado como algo pejorativo, ruim, como “sujar” o que antes estava limpo.

Partindo do princípio que o racismo estrutural abrange o individual e o institucional, estes tornam-se mais fáceis de ilustrar. O racismo individual,

Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou ainda, a uma “irracionalidade”, a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações por exemplo – ou penais. (ALMEIDA, 2018, p. 28)

Ou seja, relaciona-se diretamente com o ser, é o método mais fácil de se identificar, caracterizado prioritariamente por injúrias relacionadas a sua cor de pele ou etnia. Essa concepção não admite a existência do racismo, mas apenas de preconceito por ressaltar a natureza psicológica e não a natureza política.

Já o racismo institucional é ligado à estrutura do sistema social, visto pelo viés do funcionamento das instituições que configuram indiretamente as vantagens ou desvantagens sobre um indivíduo, ou um grupo, pela sua raça. O racismo institucional é sobretudo coordenado através do poder, este intitulado a ele para que crie normas e coordene os sujeitos e como parte da sociedade, ele também carrega consigo os preceitos presentes na sociedade. A sociedade é configurada em uma hierarquia de raça, em que indivíduos com feições da raça branca europeia tem vantagem aos retintos.

Essas três concepções são apenas partes de uma grande estrutura que é o racismo, a partir das quais se originam muitos outros fenômenos, como genocídio da população negra, expressões racistas, não acesso à educação e muitos outros como a ausência de representatividade. Boa parte da sociedade não conhece em profundidade esses assuntos e nem a sua origem.

Esse processo tem diversas variantes, como o colorismo, por exemplo. Quanto mais retinta a pele, mais esse indivíduo estará suscetível ao racismo. Essas variantes podem se somar, como, por exemplo, uma mulher negra, retinta, de baixa renda e lésbica – essa condição acarretará em uma sociabilização mais suscetível a discriminações do que uma pessoa negra, de pele mais clara, por exemplo.

A não-representação é um dos fenômenos causados pelo racismo, assim como o racismo pode ser causado pela não-representação. Pessoas negras são dificilmente vistas em altos cargos ou em grandes papéis na televisão. Segundo uma pesquisa do Todxs, obtida pela Folha de São Paulo (ESTARQUE, CAMAZANO, 2019), “mulheres negras protagonizam só 7,4% dos comerciais”, o que nos permite inferir que mulheres negras estão no fim da cadeia de representatividade, comparadas a mulheres e brancos brancos e homens negros cis gêneros.

A falta de representatividade de pessoas não-brancas demonstra o quanto o racismo institucional é assertivo sobre o povo negro. Quanto mais retinto e mais características negróides o indivíduo tiver, menores são suas chances de ter um cargo de alto escalão. Isso se aplica não apenas a televisão, como no dado acima, mas a todo o mercado de trabalho.

Por outro lado, é importante perceber que a não-representação de pessoas negras invisibiliza toda uma raça. Crianças desde jovens não se vêem como médicos, advogados ou presidentes. Quando se restringe a gênero, os dados só pioram. Não tendo representatividade, assume-se o pressuposto de que esses sujeitos não têm a possibilidade de ocupar tal papel.

Segundo Almeida (2018, p.38) “comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção*”. Como regra, passa a ser enraizado, como todos os outros elementos presentes na cultura, torna-se tradição. Isso se aplica a sociedade ao todo, ou seja, normaliza-se o racismo, pessoas brancas acreditam ser a classe dominante, tornando assim, o racismo sistemático. Pessoas negras veem as consequências do racismo estrutural enraizado na sociedade e desde pequenas aprendem que perante a sociedade elas são diferentes, são tidas como “inferiores”.

O Brasil é um país extremamente discriminatório. Entretanto, ser acusado de racista é considerado pela classe dominante como ultrajante, pois apenas dois a cada 10 brasileiros se consideram preconceituosos, segundo uma pesquisa do Ibope em 2017 (ESTADÃO, 2017). A discriminação é parte de um processo que leva até o racismo que é um ato de dominação, neste caso, de raça. A raça considerada dominante é a branca, mesmo em um país onde a maioria das pessoas se denomina negra ou parda. Nesse contexto, temos dados que revelam como o racismo tem consequências na prática até mesmo na preservação ou não de vidas. Segundo um

informativo do IBGE, divulgado em 2019, no Brasil “a população negra tem 2,7 mais chances de ser vítima de assassinato do que os brancos” (EXAME, 2019) . O assassinato de pessoas negras não causa comoção. Foi construído um estereótipo tão reforçado em cima do corpo negro, principalmente do masculino, que perde-se a sensibilidade. Pessoas brancas desvincularam a humanidade ao povo preto.

Este dado nos leva novamente ao debate sobre as consequências do período escravocrata. Desde a escravatura os negros estão em desvantagem política, econômica, educacional. Segundo um informativo do IBGE, que faz uma comparação entre pessoas negras e brancas no que diz respeito à desigualdade econômica estima-se que na população brasileira, entre os “10% com maior rendimento per capita, brancos são 70,6%, enquanto os negros eram 27,7%” (UOL, 2019). Ou seja, reiteradamente comprovamos o quanto a população negra, mesmo sendo 54% do total da população, segundo pesquisa do IBGE, ainda é o grupo de pessoas mais marginalizadas.

Seguindo na mesma pesquisa, há dados em que a população negra é a raça que tem o maior número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza extrema. Desse modo, “enquanto 3,6% das pessoas brancas tinham rendimentos inferiores a esse valor, entre pessoas pretas ou pardas eram 8,8%” (UOL, 2019).

Para conclusão dos dados, a população negra além de ser a que sofre mais assassinatos e faz parte do grupo mais pobre, também tem a maioria dos seus jovens no encarceramento. Segundo o Mapa do Encarceramento – Os Jovens do Brasil do Governo Federal:

Já em 2012 havia 292.242 negros presos e 175.536 brancos, ou seja, 60,8% da população prisional era negra. Consta-se, assim, que quanto mais cresce a população prisional no país, mais cresce o número de negros encarcerados (GOVERNO FEDERAL, 2020).

A pobreza e a marginalização estão ligadas diretamente a pessoas negras. A discriminação, o racismo são formas de manutenção da estrutura da sociedade. A população branca é a menor, em porcentagem, porém é a branquitude que detém os poderes, sejam eles econômicos, culturais, políticos, representacionais e etc.

Com todos esses dados, se torna nítido o descaso com pessoas negras e percebe-se como a raça está à margem da sociedade. Este é um dos fatores que comprova como a discriminação, e, por fim, o racismo são atos estruturais, presentes em uma sociedade, e não apenas um ato individual.

Por operação da estrutura racista, um ato discriminatório é compreendido muitas vezes como isolado, sendo de uma pessoa ou de um grupo. Assim, trata-se das consequências e não o foco do problema. O problema não some, ele apenas sofre manutenção. Desse modo, entendemos que o racismo não pode ser tratado como ato isolado, como circunstancial. Precisa ser considerado como estrutura, como problema da sociedade. É a normatividade do racismo que precisa ser combatida. Punir alguém não faz com que essa pessoa pense diferente, apenas faz com que ela não verbalize. O racismo estrutural segue existindo pela sua perpetuação.

Uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2018, p. 53).

O racismo estrutural pode ser considerado uma sociedade fundamentada na hierarquização de raças, tendo no topo da hierarquia os brancos e como base os negros. Assim, a construção social é imposta desde o nascimento. A partir do momento em que uma criança não-branca vem ao mundo muitos pressupostos, mais do que estabelecidos, a

dificuldade do acesso à educação, privatização de oportunidades, diferenciação por conta da raça, entre outros fatores.

As crianças não nascem sabendo o que é branco ou não-branco. Não se nasce sabendo o que é sofrer discriminação, porém, quando se é uma criança negra descobre-se o quão diferente se é. Um dos principais lugares onde crianças negras têm seu primeiro contato com o racismo é na escola. O ambiente escolar é um dos primeiros locais onde ocorre a socialização, com base nisso, há uma troca de vivências culturais entre as crianças, e é a partir deste momento que a raça começa a ser imposta.

Crianças negras crescem em um ambiente majoritariamente cercado por seus familiares, pessoas fenotipicamente parecidas. Na escola ocorre a descoberta de pessoas com colorimetria diferente atrelando isso a distinção de raça, classe e gênero, descobre-se a diferença, a discriminação, o racismo.

## 2.2 BRANQUITUDE

A branquitude é o conceito que se refere a pessoas brancas e aos privilégios políticos, culturais e simbólicos que lhe são atribuídos durante a vida. Pessoas brancas estão no topo do privilégio no Brasil, mesmo sendo estatisticamente a menor parte da população, 43,1%, segundo fontes do IBGE (2019), é a parte da população que detém o poder da economia, política e educação.

Este conceito tem origem nos Estados Unidos em meados da década de 90 quando começou-se a estudar não só os não-brancos, mas as outras raças em geral, esses outros nomeados como brancos, e seus elementos como branquitude. Um dado importante é que nos Estados Unidos a branquitude e as pessoas brancas foram categorizadas pela sua “superioridade biológica”. Para eles, os indivíduos são considerados brancos após análise de sua origem ancestral. O modelo de política racial americana é diferente do Brasil, aqui a análise se baseia fenotipicamente, ou seja, através da aparência física e não biológica. (SCHUCMAN, 2014, p.32)

A autora Lia Schucman (2014, p.22) separa a branquitude em três pontos: a invisibilidade, os privilégios materiais e os privilégios simbólicos. A invisibilidade tem decorrência da não percepção do indivíduo branco como ser racializado. As pessoas brancas veem a brancura como natural e normal, assim, os “diferentes” são os únicos considerados racializados, ou seja, os não-brancos.

Segundo Schucman (2014), esse conceito de invisibilidade é criado por Ruth Frankenberg (1999) e tem por característica uma divisão nos indivíduos, entre os que têm consciência da branquitude como uma raça e os que não. Isso se dá pelo tamanho privilégio e poder que a raça branca tem sobre as outras. Desse modo, não consegue-se ao menos visualizar a raça branca como uma entre as outras, mas sim a dita como “comum”.

Os privilégios materiais significam, segundo Schucman, (2014, p. 25) “que ser branco produz cotidianamente situações de vantagem em relação aos não brancos”. Esses privilégios levam em conta as facilidades que pessoas brancas têm ao acesso, diferentemente de pessoas não-brancas, à educação, oportunidades de emprego, habitação, etc. Essas facilitações em parte são heranças de riquezas em dinheiro e cultura hegemônica que foram repassadas através das gerações, primeiramente heranças em forma de dinheiro e, após isso, culturais.

Na tese da Schucman encontra-se um relatório de um estudo anual das desigualdades raciais no Brasil de 2007 que aponta esse privilégio objetivamente.

O estudo constatou que os brasileiros brancos vivem em “um País” com IDH médio equivalente à 44ª melhor posição no mundo, enquanto os brasileiros negros vivem “em um Brasil” onde o IDH médio equivale ao 104º lugar. (SCHUCMAN, 2014, p. 25)

Assim, os dados comprovam o poder majoritário das pessoas brancas, tendo como maior exemplo disso o racismo. A população branca obteve privilégios desde o período escravagista e as consequências disso são evidentes até hoje.

Para a autora (2014), os privilégios simbólicos são construídos sócio-historicamente, ou seja, no Brasil desde que um indivíduo nasce ele já é classificado.. A nossa sociedade tem a raça branca como normativa hegemônica, e, neste caso, tudo que for fora dessa normativa é considerado diferente. Por normativa pode-se ler todos os significados positivos, tais como inteligência, beleza, sucesso, educação, economia, etc.

Como dito anteriormente, a branquitude no Brasil analisa/denomina a raça através da autoidentificação e do fenótipo. Pessoas com traços ditos como negróides estão fadadas ao desfavorecimento. Desse modo, além da tonalidade da pele, traços finos são uma das principais características analisadas pela branquitude, o que será considerado para categorizar se o indivíduo será mais ou menos aceito em determinado local.

A branquitude é privilegiada em todos os aspectos: educacionais, econômicos, habitacionais, isso acarreta em locais majoritariamente integralizados por pessoas brancas. Indivíduos brancos são a maioria em altos cargos, em universidades e escolas, no mercado de trabalho e na publicidade. A falta de representação de pessoas negras é uma realidade.

As representações de pessoas negras “autorizadas” pela branquitude são fortemente baseadas em estereótipos, especialmente aqueles que circulam na mídia, como poderemos observar melhor a seguir. Quando pessoas negras são selecionadas para cargos de empregos, são priorizados indivíduos que tenham a pele mais clara, tenham traços mais finos, tenham o corpo dentro do “padrão”.

Segundo a autora Djamila Ribeiro (2019) um dos métodos clássicos que a branquitude desenvolveu para realizar manutenção do que seria politicamente correto em relação à pauta racial seria o “negro único”. Esse conceito se aplica a ter uma pessoa negra no local de trabalho para que possa se dizer não racista, ou se intitular como representativo. Como exemplo atual temos o projeto “Eu era o Único”<sup>2</sup> esse projeto tem uma conta no Instagram onde compartilha relatos de pessoas negras que são os únicos em espaços.

A ONG Britânica World Heal the World realizou um estudo do Mapa do Ódio no Brasil em 2018 e concluiu que “4,7% do quadro de executivos do Brasil é composto por pessoas negras, sendo que esse recorte é ainda mais excludente quando trata-se de mulheres negras, representando apenas 0,4% desse número”. (GARCIA, 2019, *online*). Além desse dado, o estudo também concluiu que 80% das empresas não possuem táticas para incentivar a inclusão de pessoas negras em suas empresas. O mercado é dominado pela branquitude e os não-brancos sofrem com as consequências.

Segundo Reni Eddo-Lodge (2014, p. 89), “parece haver uma crença entre alguns brancos de que ser acusado de racismo é muito pior do que o próprio racismo.” A branquitude está ligada diretamente com a autoproteção de pessoas brancas, neste caso, funciona para que os brancos não sofram críticas e até mesmo punições por conta de atos e comentários racistas. Utiliza-se o pretexto de que o racismo estrutural está “enraizado” nas pessoas e por conta desta desculpa, justifica-se o racismo velado. Porque, no fim, ninguém quer ser nomeado como racista.

Ainda conforme Eddo Lodge, o racismo é creditado como uma consequência da branquitude por muitas pessoas, relacionando a normatização da raça branca como padrão e as demais como “outras”. Assim, a branquitude seria a grande causadora do racismo. Alguns indivíduos brancos têm uma relação problemática com a autodeclaração de racistas. O conceito de “ser racista” é visto como um insulto para pessoas brancas, assumir que o racismo é estrutural e não situacional, ou seja, que não se resume a apenas um ato isolado é visto como algo extremamente negativo.

---

<sup>2</sup> <https://www.instagram.com/eueraounico/>



A raça precisa ser um parâmetro considerado em todas as esferas, em pesquisas, na educação e no mercado de trabalho. Assim, “precisamos ver quem se beneficia de sua raça, quem é desproporcionalmente impactado por estereótipos negativos sobre sua raça e a quem o poder e o privilégio são concedidos – merecidos ou não – por causa de sua raça, sua classe e seu gênero. Ver raça é essencial para mudar o sistema”. (EDDO-LODGE, 2014, p. 62).

O racismo velado não deixa de ser menos racismo, ao contrário, essa é uma das principais formas de sua manutenção. A nossa sociedade aprendeu que ser racista é horrível e vergonhoso, porém não foi ensinada sobre as nuances que o racismo tem, e não tem conhecimento sobre o quão ele é complexo.

### 2.3 COLORISMO

Em 1933 foi lançado o livro “Casa-grande e senzala” por Gilberto Freyre. Neste livro ele categoriza as mulheres em três tipos: “Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar" (2003, p. 72). A partir desta colocação de Freyre, podemos analisar os três tipos de mulheres atribuídas aos seus “valores” em relação a sua tonalidade de pele, ou seja, quanto mais branca, mais soberana.

O termo colorismo surge em 1982 pela escritora Alice Walker, no seu livro “If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?”<sup>3</sup> e tem como definição a diferenciação na tonalidade de pele das pessoas, iniciando do mais claro ao mais escuro. Esse termo é muito utilizado no movimento negro para dialogar sobre tonalidades de pele.

O colorismo é definido por muitas pessoas do movimento negro por ter surgido do estupro. Essa relação é dada através da história de migração dos europeus que colonizaram o Brasil no passado, muitos deles homens e sem esposa ou filhos. Por conta disso buscavam mulheres para satisfazerem seus desejos sexuais, neste caso, as mulheres negras escravizadas. Boa parte das vezes essas relações não eram consensuais, de onde surgem filhos(as) miscigenados(as), sendo possível pensar o surgimento do termo do colorismo.

As diferentes tonalidades de pele são resultado de relações entre pessoas de diferentes raças, considerando a época colonial, onde eram separados entre brancos, vermelhos (indígenas) e negros. Desde o período escravocrata surge a divisão de raça e de valores para os indivíduos. Associa-se pessoas brancas como as “normais”, ricas, bonitas e valiosas, aos

---

<sup>3</sup> Em tradução livre: “Se o presente se parece com o passado, como é o futuro?”

indígenas e aos mulatos o meio termo, e aos negros retintos todos os pontos negativos. Através da tonalidade de sua pele, as pessoas eram lidas e obtinham os seus direitos. Quanto mais brancos, mais privilégios se tinha.

O termo utilizado como mulato, surge nesta época, com o cruzamento de duas raças, negros e brancos, essas pessoas são consideradas o meio termo. Podem adentrar a casa branca, mas não obtém o mesmo privilégio que os brancos, já entre os negros retintos, resta a senzala. O branqueamento das pessoas foi utilizado como um método de invisibilização, de não-pertencimento. Nem branco o bastante para a casa branca e nem negro o bastante para a senzala. Essas pessoas ficam em um não-lugar, questão que se estende até os dias atuais.

A população dita como parda ou mulata do Brasil, é fruto de um relacionamento inter-racial, por conta deste fator, diversas tonalidades surgem. O colorismo é um assunto que perpassa diversos pontos na história e na construção dos indivíduos. As pessoas ditas como pardas são invisibilizadas e as mulheres sofrem ainda mais com isso. A mulher negra com pele clara é hiperssexualizada, seu corpo é ligado diretamente a estereótipos. Considera-se a cor do pecado, a mulata do carnaval, o corpo negro vira mercadoria e entretenimento para a população.

A autodeclaração é um processo de extrema importância na vida dos indivíduos, principalmente em pessoas negras de pele clara. O racismo tem formas diferentes de ser apresentado entre as pessoas negras: enquanto retintos irão perceber de forma mais explícita, os negros de pele clara (ou *light skin* como são chamados), podem sofrer com um racismo mais “leve” e com uma maior “aceitação”/ passabilidade<sup>4</sup> pela branquitude. Os retintos, por sua vez, sofrem com um racismo evidente e com diversas formas de exclusão de representatividade, tanto na mídia como em locais de trabalho e nos altos cargos. Os *light skin* lidam com um racismo muitas vezes mascarado e ainda com o não-pertencimento, muito escuro para ser branco e muito branco para ser negro. O entendimento de onde se pertence e o reconhecimento por suas “vantagens” são pontos que devem ser entendidos por pessoas negras de pele clara.

A professora Ana Gabriela S Ferreira cita em uma série de posts em seu Instagram que:

É preciso tomar o papel de negrx, além de nascer negrx, numa sociedade em que se finge não notar a negritude de alguns para desmobilizar a negritude de todo um

---

<sup>4</sup> Passabilidade é um termo utilizado para denominar a “facilidade” de uma pessoa de passar ou adentrar um determinado grupo. Neste caso, é utilizado para *light skin*, que tem uma passabilidade maior perante os brancos, do que os retintos. Ou seja, alguns negros de pele clara conseguem “passar” por brancos, quando seus traços são mais finos ou até mesmo através do branqueamento.

grupo racialmente afetado pelo racismo e a escravização. É preciso sair do conforto da máscara branca pregada à cara da passabilidade. (FERREIRA, 2020, *online*)

Nesse sentido, a autodeclaração é um passo importante para se entender o papel que se tem na nossa sociedade e principalmente na luta antirracista. O colorismo tem um papel extremamente importante no racismo e na luta negra, é preciso entender o contexto geral, para assim compreender que embora diferentes, a negritude está presente em todos e devemos seguir lutando. Assim, poderemos chegar ao dia em que essa luta acabe.

## 2.4 OS DISCURSOS QUE CONSTROEM O RACISMO: O PAPEL DA MÍDIA

O racismo, como já dito anteriormente, é expresso de diferentes formas, no contexto da mídia, podemos adentrar em diversos pontos, mas primordialmente os racismos institucionais e estruturais. A mídia é majoritariamente branca. Segundo uma pesquisa da Monitoramento da Propriedade da Mídia (Media Ownership Monitor ou MOM) de 2017, “Cinco famílias controlam metade dos 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil.” (REDAÇÃO CARTA CAPITAL, 2017, *online*). Ou seja, boa parte da comunicação presente nas mídias passa pelo filtro de um ou vários homens brancos e ricos.

A comunicação, principalmente a publicidade, atua como porta de entrada e é responsável por colocar assuntos em pauta. Ainda assim, é excludente. Exclui a diversidade, os diferentes tipos de corpos, raças, classes e gênero. Como afirma Milena Freire de Oliveira-Cruz, a publicidade traz um olhar estereotipado das mulheres e desnaturaliza as representações de gênero.

A publicidade naturaliza a visão androcêntrica, representando mulheres como emotivas, passivas, dóceis ou sensuais e homens como sujeitos racionais, viris e provedores do lar. Nesse sentido, é importante perceber que as representações femininas veiculadas nos comerciais são aceitas devido a sua relação com os esquemas de percepção dominantes, tornando-os “naturais” para a grande maioria do público. (OLIVEIRA-CRUZ, 2018, p. 93)

Esses pontos se agravam quando se trata de pessoas negras. As poucas mulheres que recebem algum papel na televisão são extremamente estereotipadas. Podendo ocupar papéis bem específicos, a mulher *light skin* que tem o corpo padrão que ascendeu na vida, teve um dos protagonistas (branco) apaixonado por ela ou tem o corpo extremamente erotizado. Já as mulheres retintas têm os papéis de cozinheiras, babás, domésticas com uma vida muito

sofrida - o que retoma o conceito de vó Anastácia, que pode ser comparado com as mulheres escravizadas.

Mulheres negras têm acesso negado em muitos espaços midiáticos e a televisão é um dos mais evidentes. A atriz Zezé Motta criou, em 1984, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN), cuja motivação para a criação veio da exclusão de pessoas negras na televisão. A cantora passou por diversas dificuldades e inúmeras portas foram fechadas por conta da sua cor. As autoras Laura Corrêa e Mayra Bernardes relatam:

A atriz e cantora contou das dificuldades que enfrentou para encontrar papéis minimamente adequados em telenovelas, cujos produtores e diretores ainda insistem em escalar artistas negros para papéis de empregados, bandidos ou sujeitos escravizados. Motta conta também sobre o racismo que impediu que o primeiro comercial estrelado por ela fosse ao ar. A atriz teve apenas mais duas oportunidades, em cinquenta anos de carreira, de estrelar comerciais. (CORRÊA, BERNARDES, 2019, p. 204)

O racismo está em todos os espaços, mulheres negras que são escaladas para papéis e comumente são avaliadas por seus traços negróides: o cabelo, o nariz, o corpo. A branquitude considera bonito o que se parece com ela, então quanto mais europeus os traços, mais bonita essa pessoa será considerada e mais privilégios terá.

A comunicação ainda é um meio muito machista e dominado pela branquitude. O meio publicitário, mesmo sendo duramente criticado pela falta de representação, ainda não avançou.

O autor Carlos Augusto de Miranda e Martins relata em seu texto uma pesquisa de opinião da revista *Propaganda* de 1988, sobre uma matéria publicada por eles cujo nome foi: “*O negro como modelo publicitário*”.

Para Washington Olivetto, então presidente da agência W/GGK, a razão fundamental para a ausência de negros nos anúncios estaria no fato de que grande parcela da população negra estaria marginalizada economicamente. Olivetto até admitia a existência de um preconceito velado de agências e anunciantes, mas justificava: “a propaganda trabalha com o estereótipo da maioria dos consumidores”. (PIRES apud MARTINS, 2019, p. 212)

Embora a população negra seja maioria, a elite e os prestigiados profissionais da publicidade, como a revista *Propaganda* denomina, são a branquitude. Para esses, a representação de pessoas negras na mídia não é importante. De modo complementar, ainda acreditam que se pessoas não-brancas ocuparem esses lugares, o prestígio destas mídias iria acabar, assim como Renato Pires diz: “Nos comerciais, as pessoas querem se ver

representadas como lindas, ricas e poderosas. E os pretos são pobres, meu amor” (PIRES, 1988, p. 14).

Essa citação de Pires, mesmo sendo de 1988, ainda consegue ser bem atual, se relacionada com o pensamento de muitos dos detentores do poder publicitário. Na atualidade, o racismo vem sendo mascarado e “escondido” por conta da retaliação do público mediante atos racistas na mídia. Mas o que tem acontecido é a utilização do “negro único” - conceito da Djamilla Ribeiro que já foi citado aqui. A utilização dessa “técnica” serve para demonstrar uma falsa ideia de representatividade. Para mesmo que previamente, sanar a vontade do público de se ver representado na grande mídia.

No cinema a representação de mulheres negras é ainda menor. Segundo Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior (2019, p. 10), entre 257 produções audiovisuais estudadas entre os anos 2002 e 2014 “mulheres negras (pretas e pardas) protagonizaram apenas 7% do total das tramas estudadas”. (JUNIOR, CANDIDO, 2019, p. 10). Entre os papéis representados por essas mulheres, os autores listam estereótipos impostos para personagens negras, entre eles: mulata, empregada, batalhadora, revoltada ou militante, crente, trombadinha, favelada, etc.

Um dos resultados do estudo diz respeito ao final de boa parte dos personagens interpretados por mulheres negras serem parecidos: “quase 1/3 das protagonistas tiveram desfechos bastante distintos do tradicional “final feliz” dos filmes” (JUNIOR, CANDIDO, 2019, p. 10). Na cinematografia as mulheres negras além de serem sexualizadas, são estereotipadas, sempre seguem a vertente da sensualidade ou do sofrimento, da vida cruel, pobre.

Júnior e Candido deixam claro que não apenas existe distinção para mulheres negras x brancas, mas que há distinção de papéis para mulheres negras e pardas, como eles denominam. Como já comentamos, a branquitude sempre tem preferência por indivíduos mais parecidos com ela. Dentre as pardas, a atriz Juliana Paes em algumas produções era considerada parda e em outros momentos, branca. Isso se dá pela narrativa da produção, se for uma mulher pobre, trabalhadora, guerreira, a atriz seria parda. Caso fosse uma mulher rica e poderosa, branca.

De acordo com Corrêa, (apud JUNIOR, CANDIDO, 2019, p. 6) "a mulata, em particular, devido à ambiguidade de sua representação, às vezes aproximada do padrão de beleza da branquitude, serviu para operar a rejeição à negra preta”. Assim, mesmo se intitulado representativa, a noção de branquitude faz com que as mulheres negras precisem ser o mais claras e remetidas à brancas possível. Mulheres negras retintas só servem para

cobrir o papel de “mulher pobre sofrida”, essa é uma característica que perpassa todos os meios midiáticos.

Por outro lado, é interessante pensar nas mulheres negras também como consumidoras das mídias, e na maneira como diversas vezes não conseguem se enxergar representadas. bell hooks declara que “espectadoras negras iam ao cinema com a consciência da forma como raça e o racismo determinavam a construção visual de gênero” (hooks, 2019, p. 98). Para hooks, ir ao cinema mesmo sabendo que não haverá nenhuma representatividade sempre foi comum para as mulheres negras, para aquelas que tinham a vantagem de poder frequentar esse espaço, claro. Ainda sobre a representação, algumas mulheres negras utilizavam do cinema como uma forma de escape da sua realidade e até mesmo da sua própria pele, se colocando no lugar da protagonista branca, e imaginando, mesmo que por um curto espaço de tempo, como seria a sua vida. “Mesmo quando a representação das mulheres negras está presente nos filmes, nossos corpos e seres estão lá para servir - aprimorar e manter as mulheres brancas como objeto de olhar falocêntrico” (hooks, 2019, p. 97).

As mulheres negras visitavam um espaço majoritariamente branco apenas para imaginar como seria estar na pele de uma mulher branca. A branquitude nem percebe a falta de personagens negros na produção cinematográfica, só percebem a existência de pessoas de cor, quando a temática da produção é sobre raça. O cinema é mais um instrumento que a branquitude utiliza para se sobressair e reforçar que é a raça dominante. Por conta disso, o movimento negro sente a necessidade de se organizar e produzir cinematografias para os seus.

No meio jornalístico o cenário não é diferente. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, em 2015 só 22% dos jornalistas no Brasil com carteira assinada são negros, em São Paulo é ainda pior, apenas 15% (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, online). A população negra sofre com o acesso à educação desde o ensino básico, quando consegue ingressar no ensino superior, o mercado de trabalho embranquecido que o espera se torna apenas mais uma dificuldade.

Embora as pessoas negras sofram com a discriminação, o racismo e o preconceito em todos os locais, grupos têm se mobilizado e reivindicado uma representação na mídia mais ampla e mais condizente com a realidade de suas vidas. Apesar das alterações perceptíveis, sendo muito mais inclusiva e representativa nos últimos anos, os meios de comunicação ainda embranquecem suas narrativas, seja oferecendo papéis específicos para pessoas negras ou escolhendo atores com traços finos e pele mais clara. Assim, mesmo quando representado, o corpo negro geralmente tem seus papéis de coadjuvantes e com personagens vistas como

personagens estereotipados: os mais pobres, os “vagabundos”, ladrões ou os que são hipersexualizados.

A autora Dilma de Melo Silva (2011) traz em seu texto um estudo do especialista Fernando Conceição sobre a posição que a mídia tem em relação à imagem de pessoas negras, segundo o autor são mostradas através de três Ls: lúgubre, lúdico, luxurioso.

O primeiro L diz respeito a fatos policiais: é o suspeito, o criminoso, o ameaçador da ordem. O segundo L relaciona-se aos estereótipos das “alegres” festas nacionais: carnaval, samba, pagode. E o terceiro à sexualidades, mostrando o homem (mulher) com o corpo exposto em atitudes lascivas. (SILVA, 2011, p. 22).

Os conglomerados de comunicação no Brasil e no mundo continuam sendo comandados por homens brancos, héteros e cisgêneros, e tendem a levar mais de suas visões de mundo para as mídias. Nesse contexto, a mídia que mais tem alterado esse jogo de forças têm sido as redes sociais digitais. Tendo em vista a circulação de discursos mais horizontais, em razão da participação dos próprios usuários, a interatividade das pessoas faz com que a internet torne-se a mídia mais “popular”, sendo mais representativa e democrática.

A partir das mídias sociais, o movimento negro têm conseguido ampliar o alcance das suas pautas. Mesmo sendo uma mídia que prioriza ainda pessoas brancas, em razão do acesso limitado às camadas mais populares do país, as redes sociais digitais protagonizam debates e pautas do movimento negro. Assim, mesmo que de forma supérflua, assuntos que antes não tinham relevância, ou até mesmo não eram de domínio público, passam a ser.

Segundo a BBC NEWS (2020, *online*), Um exemplo recente é a *hashtag* “*Black lives matter*”, que surgiu após o assassinato de George Floyd, um homem negro de 40 anos morto pela polícia, em Minneapolis, nos Estados Unidos. O fato aconteceu no dia 25 de maio de 2020, aproximadamente às 20h. O George foi em um mercado, onde já era cliente conhecido, comprar um maço de cigarros e após pagar, o funcionário o acusou de utilizar uma nota falsa e chamou a polícia.

Os policiais foram agressivos e colocaram George dentro da viatura quando o mesmo anunciava que era claustrofóbico. Em um ato veloz, o policial Derek Chauvin de 44 anos retirou George do carro e o jogou no chão, colocando o seu joelho em seu pescoço e George implorando para poder respirar. Durante 8 minutos e 46 segundos Derek continuou o asfixiando, quando retirou seu joelho, George estava morto. O policial está preso, acusado de homicídio. (BBC NEWS, 2020, *online*).

O caso teve repercussão mundial, por ter sido filmado, e desencadeou uma das maiores ondas de protestos antirracistas da história dos Estados Unidos. Manifestações foram

realizadas nas ruas, nas redes sociais. Além disso, houve discussões sobre o antirracismo no âmbito político. Foi um acontecimento que trouxe à tona um movimento. Houve espaço cedido para a população negra nas mídias sociais, espaço conquistado após os atos nos EUA e também no Brasil.

No Brasil, como consequência da polêmica, assuntos da negritude vieram à tona e muitas pessoas famosas cederam suas contas no Instagram para pessoas negras, exemplo que traremos no decorrer do trabalho, como uma forma de “ocupação” e conscientização do maior número de pessoas. Porém, a produção de conteúdo de mulheres negras nas mídias sociais de famosos tem obtido um engajamento baixo comparado aos donos dos perfis. Durante o ápice da hashtag, houve um número exorbitante de pessoas se solidarizando com a causa na rede social. Entretanto com o passar dos dias, a causa sofreu com uma desvalorização vinda de pessoas brancas.

Essa desvalorização pode ser percebida pela diferenciação de likes em páginas do Instagram que foram ocupadas por pessoas negras. Neste exemplo temos a página do ator Paulo Gustavo, avaliando 6 postagens do ator em sua rede social, temos 460 mil curtidas em média em suas postagens. Enquanto, o mesmo número de postagens da autora Djamila na conta do Paulo Gustavo<sup>5</sup> tem 183 mil curtidas em média.

Embora locais “privilegiados” como contas do Instagram com milhões de seguidores sejam disponibilizados para pessoas negras produzirem conteúdo e ampliem o conhecimento da população sobre as causas do movimento negro, a branquitude sempre encontra um método de desvalorizar. Seja não seguindo essas pessoas, invalidando as suas falas, ou até mesmo deixando de seguir e de engajar em contas onde pessoas negras “ocuparam”.

A mídia é quem tem contato direto com a grande parte da população, mesmo com a internet, a TV aberta ainda é a melhor forma de alcançar o maior número de brasileiros. Ainda é na televisão que as grandes peças publicitárias são veiculadas e onde boa parte da população tem acesso às notícias e ao entretenimento. A mídia é a maior porta de entrada para se desmistificar os estereótipos, embora seja um dos locais onde mais se reforça. Devemos usar a mídia para o que ela foi feita, falar com todos, com uma linguagem que todos entendam, e isso se aplica a representar a todos, seja em gênero, raça, orientação sexual e ou corpos.

---

<sup>5</sup> <https://www.instagram.com/paulogustavo31>



A mudança deve começar com a mídia, com a TV aberta, sendo acessível e inclusiva para todas as pessoas, assim como deveria ser desde o início.

### 3 MULHERES NEGRAS: RAÇA, CLASSE E GÊNERO

É de conhecimento geral que o racismo está presente na vida das mulheres negras diariamente. Com isso, compreendemos a importância de abordar não apenas o racismo, mas todas as outras discriminações que atravessam as mulheres negras, como gênero, classe e sexualidade. Desta forma, neste capítulo abordaremos de temas como o feminismo negro, o corpo negro, a objetificação, a identificação de mulheres negras com a sua própria raça e a solidão da mulher negra. Todas essas questões poderiam render uma tese, mas compreendemos que são dados fundamentais para iniciarmos uma futura análise. Assim, mesmo que de forma introdutória, a abordagem busca situar a leitura a partir das diferentes autoras e dados estatísticos que explicitam a realidade vivida pelas mulheres negras.

#### 3.1 FEMINISMO NEGRO

O feminismo negro teve seu início no Brasil no final de 1970 e nasce da necessidade não apenas de representação, mas de luta. Por um lado, o movimento negro era comandado por homens e concentrava suas pautas baseadas em sexismo. Por outro, o movimento de feminismo existente era branco, feito e pensado por mulheres brancas e para elas, ou seja, as pautas tratadas nesse movimento era majoritariamente o sexismo da sociedade, a luta por direitos, entre eles o voto, o trabalho, etc... Porém, nenhuma dessas pautas refletia questões específicas que tratasse das mulheres negras e suas necessidades. (KILOMBA, 2019)

As mulheres negras eram tidas como “o ‘outro’ do outro” pois estão sempre à margem, por serem a intersecção de muitas minorias, mulheres (machismo) negras (racismo).

Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma.[...] As mulheres *brancas* tem um status oscilante, como o eu e como a “outra” dos homens brancos porque elas são *brancas*, mas não homens. Os homens *negros* servem como oponentes para os homens *brancos*, bem como competidores em potencial por mulheres *brancas*, porque são homens, mas não são *brancos*. As mulheres *negras*, no entanto, não são *brancas* nem homens, e servem, assim, como a “*Outra*” da alteridade. [...] mulheres negras pode ser visto como a “*Outra*” dos outros” (KILOMBA, 2019, p. 124).

Mulheres negras sofrem até hoje com a exclusão social, desigualdade, preconceito e discriminação. Como Grada Kilomba reflete, a realidade das mulheres negras é diferente das mulheres brancas que, embora sofram com o machismo, ainda se sobrepõem em raça perante aos homens negros; esses, por sua vez, embora negros, tem o privilégio do gênero. Para

mulheres negras, não sobrou nada, além do passado escravocrata, os filhos e o trabalho doméstico.

Esse é um dos pontos que se fez necessário o feminismo negro para as mulheres negras, um espaço onde suas pautas poderiam ser ouvidas, onde elas poderiam colocar a raça frente ao gênero. Uma das principais pautas do feminismo negro até hoje é, principalmente, um local onde elas não precisariam renegar seus irmãos de raça.

Desde a criação do feminismo negro, uma das grandes lutas do movimento é o nivelamento com o feminismo branco, esse nivelamento em questões de números de integrantes, reconhecimento da causa, etc... Mulheres negras são vistas como exageradas, que criam caso sem necessidade, o que não passa de mais um dos estereótipos aplicados a mulheres de cor pela sociedade. A branquitude, neste caso, as mulheres brancas, imaginam que todas as pautas podem ser avaliadas da mesma forma e tentam igualar seus problemas e suas pautas às mulheres negras, quando a diferença é gritante. Mulheres brancas sempre tiveram privilégio frente a mulheres negras. Isso não apenas na academia, ou em pautas aprovadas, mas na sociedade em geral. Em vagas de emprego, na publicidade, em representações, nas melhores oportunidades...

Além de todas as pautas do feminismo branco, e de todas as conquistas que já foram alcançadas, o feminismo negro está sempre atrás, por ter começado depois, por ser uma minoria, por razão do racismo estrutural. Lutar para sair do lugar do "outro". Mulheres negras precisam lutar pelo básico, por não ser o corpo mais sexualizado, por ser considerado uma opção a uma vaga, assim como uma mulher branca, a ter seu cabelo aceito, assim como uma mulher branca, a não ser confundida com uma funcionária de uma loja enquanto faz compras apenas por ser negra. Mulheres negras precisam lutar contra o racismo todos os dias, mulheres brancas, não.

Diante de todas essas diferenças, no feminismo podemos considerar um termo chamado interseccionalidade. Segundo Djamila Ribeiro, o termo teve origem em 1989, por Kimberlé Crenshaw ,

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW apud RIBEIRO, 2018, p. 82).

O conceito de interseccionalidade nos diz que não podemos tratar de classe, gênero e raça como categorias isoladas, não há como dissociar uma coisa da outra. Ainda mais quando se pensa em uma mulher negra e periférica, não há como dividir ou separar a vivência dessa mulher. A sociedade está estruturada para nos fazer acreditar que uma coisa não está ligada a outra, mas não é assim que acontece. Quanto maior a gama de grupos minoritários que uma pessoa se encaixar, mais provável será a sua dificuldade em ingressar ou adentrar espaços.

Uma mulher negra, gorda, periférica, LGBTQIAP+<sup>6</sup> provavelmente terá mais dificuldade em ser aceita em uma vaga de emprego do que uma mulher branca, cis<sup>7</sup>, hétero por exemplo, mesmo as duas sendo mulheres e sofrendo com questões como sexismo e machismo. Quanto mais distante se estiver do que a branquitude considera padrão, mais difícil será a inclusão em outros meios.

O mercado de trabalho não é diferente do resto da sociedade em relação às mulheres negras. Pelo contrário, o racismo institucional é real e cruel. Mulheres negras sofrem com o sexismo e por sua raça. Para essas mulheres diversos obstáculos são postos. O mercado exige um padrão inalcançável de beleza, o corpo desejado para ser visto e levado como padrão ou inspiração não é prioritariamente o negro.

As mulheres negras precisam se reafirmar, estudar e se qualificar duas vezes mais para serem pelo menos cogitadas em uma entrevista de emprego, diferentemente de mulheres brancas. Essas, mesmo estando distante do padrão, ainda se sobressaem pela raça. Um retrato dessa desigualdade fica explícito na diferença do índice de desemprego mensurado em 2020 entre mulheres negras em 16,6%, e 11% entre mulheres brancas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Apesar de não controlarem o mercado de trabalho, nem a maioria dos grandes cargos, a população negra movimenta cerca de R\$1,7 trilhão por ano no Brasil, segundo o movimento Black Money. O movimento consiste uma articulação de resistência, segundo a fundadora do Mercado Black Money<sup>8</sup>, Nina Silva, em uma matéria para a Forbes sobre mulheres negras e o mercado de trabalho:

Afrodescendentes são 56% da população autodeclarada, representam 67% dos desempregados e maioria carcerária. Quando empreendem, no nano e no microempreendimento, nem 29% consegue empregar outra pessoa em seu próprio negócio e tem crédito três vezes mais negado por instituições financeiras. Não falta apenas representatividade, falta inclusão. (SILVA, 2020, online)

---

<sup>6</sup> LGBTQIA+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para a comunidade. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade.

<sup>7</sup> Pessoa que se identifica com o sexo atribuído no seu nascimento.

<sup>8</sup> <https://movimentoblackmoney.com.br/>

O Movimento Black Money tem como objetivo ligar pessoas negras, seja através de compras. Semelhante ao marketplace, se configura por ser uma plataforma online que permite o contato entre os consumidores e os empregadores negros, para que o dinheiro gire entre pessoas negras e assim possam se auxiliar. Tem abrangência ainda com arrecadação de dinheiro para fundos, como o “Impactando vidas pretas”. Eles se apresentam como um local de aprendizado para pessoas negras, ao qual pessoas podem aprender a empreender e transformar o mercado em um local com mais pessoas negras, principalmente no ambiente virtual, trabalhando com uma visão pan-africanista.<sup>9</sup>

O mercado de trabalho não abre muitas portas para mulheres negras, ainda mais quando se fala em altos cargos. Mulheres negras são as principais vítimas de critérios raciais na hierarquia de classes, onde são as mais discriminadas, enquanto as pessoas brancas são vistas em locais de prestígio. A mulher branca é vista como a “esposa ideal”, o homem branco como o “patrão” e para os negros sobram os locais de serventes. O homem negro, mesmo sendo considerado como força de trabalho, ainda é visto como homem. Já as mulheres negras sofrem com o sexismo e com o racismo, estando boa parte do tempo longe dos privilégios. As mulheres negras em relação a mulheres brancas sempre são as últimas opções, seja no trabalho, para o relacionamento e todas as outras questões, sobrando apenas os empregos que ninguém quer, que ficaram como uma “herança escravocrata”. Cuidar sozinha dos filhos da senhora, da casa e de seus próprios filhos.

Porém, graças ao feminismo negro e autoras negras como Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, bell hooks, Winnie Bueno, Sueli Carneiro, Angela Davis (referência para o título deste capítulo), Alice Walker, Audre Lorde, diversas bandeiras têm sido levantadas e com a ajuda dessas mulheres o movimento tem avançado, chegando em mais pessoas e gerando um maior debate. Precisamos ler, ouvir, aprender com mulheres negras e com o que elas têm a contar/ensinar, apenas assim, com diálogo e estudo poderemos mudar o mercado de trabalho e a realidade das mulheres negras no Brasil. Por isso, neste estudo valorizamos as mulheres negras como referências, devemos valorizar as iguais a nós.

---

<sup>9</sup>“O pan-africanismo se identifica como uma ideologia, um movimento que incentiva a solidariedade entre africanos no mundo todo. Além disso, ele é baseado na crença de que estar unido é vital para haver progresso econômico, social e político, e visa a “unificar e elevar” o povo de linhagem africana. A ideologia afirma que o futuro de todos os povos e países africanos está entrelaçado.” (KUMAH ABIWU, apud KAH, p. 152, 2016)

### 3.2 O CORPO NEGRO: OBJETIFICAÇÃO, SEXUALIZAÇÃO E DENOMINAÇÕES AMENIZADORAS

O corpo negro é tido como um corpo dominado. Algumas autoras negras, como Winnie Bueno, costumam dizer que o corpo negro é visto como um corpo público. Boa parte desta convicção surge juntamente com os povos escravizados, onde os homens e mulheres brancas acreditavam ser superiores e serem donos dos seus corpos. Desde então, tem-se a ilusão de que o corpo negro não tem dono, ou que ele pode ser utilizado como diversão, como recreação. Nesse contexto, é importante considerar a discussão proposta por Winnie Bueno, a partir dos conceitos elaborados por Patricia Hill Collins, de imagens de controle:

As imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. (BUENO, 2020, p.73)

Sendo assim, mulheres, principalmente as mulheres negras, sofrem desde a escravidão, onde a ideologia de dominação fomentou a criação das imagens de controle. Os homens brancos utilizavam a sua posição de dominação para subordinar sexualmente e subjetivamente as mulheres da época. Como deveriam se portar, quem servia para ser esposa e quem apenas servia para relações sexuais. Os padrões de feminilidade foram ditados por homens brancos. As imagens de controle corroboram para que continue existindo uma dominação, e principalmente para que haja uma interconexão entre as dominações de raça, sexualidade, gênero e classe. (Bueno, 2020)

O conceito de imagem de controle difere da ideia de estereótipo. O conceito de Patricia Hill Collins faz referência a manutenção das relações de dominação. Enquanto estereótipos são utilizados para ditar comportamentos e aparência, as imagens de controle são manipuladas dentro do sistema de poder, utilizando a raça, gênero, sexualidade e classe. (BUENO, 2020, p. 73). No seu livro, Bueno aborda cinco imagens de controle porém neste momento é mais pertinente trazer as duas mais recorrentes, considerando o contexto midiático brasileiro.

A imagem de controle da *mammy*, conceito da Patricia Hill Collins, surgiu no início do século XIX. Está associada a uma mulher negra, mais velha, trabalhadora doméstica, sendo liberta ou não, que trabalha na casa de pessoas brancas e é fiel a eles. Muitas vezes essa imagem é retratada como uma mulher negra, retinta e gorda. Assim como conhecemos a Tia

Anastácia do Sítio do Pica Pau Amarelo de Monteiro Lobato. A Tia Anastácia, assim como a *mammy*, é uma mulher que vive apenas para trabalhar na casa dos brancos, às vezes é repreendida por defendê-los e acusada de virar as costas para os seus. A partir dessa imagem de controle, concebe-se que essa mulher não tem vida sexual, não recebe afeto, e nem nenhum tipo de recreação, tendo como prioridade cuidar dos afazeres domésticos e cuidar/criar os filhos dos patrões. (BUENO, 2020, p. 87-95)

O objetivo desta representação é justamente controlar as mulheres, fazer com que elas permaneçam em seus devidos lugares, que foram estipulados por homens brancos. A tia Anastácia ou *mammy* é a imagem perfeita de onde a branquitude gostaria de ver as mulheres negras: sempre servindo, sem reclamar, acreditando fazer parte da família, mas sem de fato fazer, vivendo apenas para servi-los. Segundo Bueno:

O objetivo por trás dessa imagem de controle é manter as mulheres negras submissas ao trabalho doméstico e ensinar seus filhos a apresentarem o mesmo comportamento, o que também é articulado a partir de imagens de controle destinadas às crianças negras. Ou seja, o processo educativo interno das famílias negras, geralmente centralizado pela relação mãe-filhos, também é vigiado a partir das imagens de controle. (BUENO, 2020, p. 88)

Em alguns momentos até as pessoas negras começam a ver a tia Anastácia como uma “falsa” negra, como um mulher que abandonou os iguais a ela e tem toda a sua devoção aos brancos. Muito disso se dá pela ideia de que essa mulher ficava como “responsável” pelos afazeres da casa branca, neste caso, muitas vezes tendo que “mandar” e até ameaçar os próprios negros para que cumprissem o seu trabalho, transformando-a em uma figura autoritária mediante os seus irmãos de cor.

Além da branquitude utilizar esta mulher para criar os seus filhos brancos e fazerem dela “parte da família”, ela é afastada dos próprios filhos, os quais não tem a chance de criar como gostaria. Assim, acaba criando afeição pelos filhos dos brancos, sendo considerada uma “mãe preta”. A branquitude não apenas afasta essa mulher da sua comunidade, de seus filhos, mas também se “adona” dela. Ela perde a sua identidade para se adequar a casa e a família branca, não tem mais relações amorosas, nem saídas para encontrar amigos ou qualquer outro tipo de recreação, ela vive apenas para trabalhar, como uma propriedade daquela casa e daquela família. Essa noção é reforçada pela branquitude, a partir de discursos como: “A tia Anastácia já está na família há 40 anos, ela cuidava da casa desde quando eu era pequena e agora cuida dos meus filhos”.

Quando essas mulheres internalizam essa imagem de controle é comum passar essa representação através das gerações. Como uma mulher que está trabalhando na mesma

família há anos, quando fica muito velha para continuar, uma filha toma o seu lugar. Assim a branquitude sempre tem uma negra para lhe servir e continuar a linhagem.

Porém, nem todas as mulheres negras são controladas pela imagem da *mammy*. Nesse aspecto, podemos falar da Jezebel ou Mulata, normalmente associada à mulheres mais novas, construída apenas para satisfazer sexualmente os homens. Este conceito diz respeito diretamente à sexualidade das mulheres negras, em que elas são consideradas insaciáveis, o que é utilizado para “justificar” abusos sexuais de mulheres negras durante o período escravocrata.

A sexualidade da mulher negra também esteve associada no período escravocrata à ideia de que deveriam ser também extremamente férteis, fazendo com que engravidassem cada vez mais para reproduzirem mais escravos e também para utilizá-las como “amas de leite” para as crianças brancas.

A imagem da jezebel constitui uma objetificação que se dá a partir da animalização dos corpos e das condutas das mulheres negras, sendo estas consideradas inadequadas dentro dos parâmetros do pensamento binário ocidental. Enquanto as mulheres brancas são consideradas o exemplo da feminilidade, inclusive no campo da sexualidade, sendo lidas como respeitáveis, meigas, doces e modestas, as mulheres negras são lidas como promíscuas e até mesmo como predadoras sexuais. (BUENO, 2020, p. 110)

Essa imagem de controle é presente até hoje na vida das mulheres negras, principalmente as que se enquadram na aparência esperada de uma mulher negra bonita: magras, altas, com a pele mais clara, havendo exceções para mulheres retintas também. As mulheres negras são vistas como máquinas sexuais e estão presentes nas fantasias eróticas de homens brancos até hoje. Acreditam que o corpo dessas mulheres existe para servi-los e para sua diversão.

Um exemplo disso é a Globeleza, uma mulher negra, magra, com corpo escultural que samba seminua no carnaval que serve apenas de enfeite para uma data festiva. Muitas mulheres negras sofrem com as consequências dessa imagem de controle ainda hoje. A solidão da mulher negra, quando olhada pelo viés do relacionamento, tem muito a ver com isso.

O corpo feminino negro é visto como o lugar do prazer, das relações mais excitantes. Em contrapartida, como uma herança que vem da relação entre casa grande e senzala, ela é vista pelo lugar da amante, não sendo considerada a mulher para casar, para ter filhos ou para se assumir perante a sociedade.



A ideia do corpo negro animalizado e insaciável, cuja existência se dá apenas para conjunção carnal se construiu antes do período escravocrata. Segundo a autora Winnie Bueno,

Os viajantes europeus, ao se depararem com a nudez ou a escassez de vestimentas dos nativos africanos e indígenas, consideravam esse fato uma obscenidade. O etnocentrismo europeu do século XVII considerava as práticas e vivência dos povos africanos como prova da luxúria sexual descontrolada dos negros e negras. (BUENO, 2020, p. 110)

Com o processo de colonização e a escravidão isso apenas se agravou. A relação entre homens brancos, mulheres negras e indígenas se baseava majoritariamente na violência sexual. A escrita histórica, contudo, descreve essas relações como consensuais, resultando no que hoje chamamos de miscigenação, alicerça o mito da democracia racial no Brasil (BUENO, 2020, p.111). A partir dessa construção ideológica, sustenta-se a ideia de que no Brasil não há nenhum tipo de diferença ou conflito entre as raças – o que acaba por sustentar um consenso de que “não há racismo no Brasil”.

A justificativa, muitas vezes, se dá a partir de uma comparação com os Estados Unidos, onde houve diferenciação de legislação para as raças. É importante pontuar que a democracia racial defende que somos todos iguais perante a lei, e, na realidade, não se experimenta pela manutenção do racismo estrutural e institucional. A ideia de miscigenação possibilitou que acreditássemos que somos todos tratados igualmente e que parte da população brasileira não veio de um estupro. Possibilitando uma matriz de dominação através de estereótipos sexuais que hoje são utilizados como desculpa e justificativa para a exploração de mulheres negras. (BUENO, 2020, p.78)

A objetificação de mulheres negras ocorre não apenas pelos homens brancos, mas também pelos homens negros. As imagens de controle aparecem novamente aqui, pois não são utilizadas apenas pela branquitude como forma de opressão contra as mulheres e os negros, mas circulam entre a própria comunidade negra contra os seus, neste caso, homens negros utilizando-as contra mulheres negras. Assim,

essa forma de objetificação das mulheres negras, a partir de um comparativo inferiorizante em relação á mulheres brancas, serve como uma justificativa para que homens negros rejeitem mulheres negras como parceiras afetivas. (BUENO, 2020, p. 85)

Dessa forma, homens negros preferem relacionar-se com mulheres brancas por acreditarem que representam um “avanço”, tanto pela questão do colorismo (que possibilita

filhos mais claros, mais aceitos na sociedade), como também por considerarem que as brancas são mulheres “de verdade”, para casar. Esse contexto afeta diretamente na vida e na subjetividade das mulheres negras. Muitas acreditam que são responsáveis por não encontrarem um parceiro afetivo que as assumam perante a sociedade, o que reflete na dificuldade de reconhecer e valorizar a sua própria estética e os seus próprios traços.

Afinal, a branquitude sempre deixou claro qual era a aparência que mulheres deveriam ter: branca, alta, magra, cabelo liso, preferencialmente loira e o mais próximo de uma mulher europeia possível. Já para as mulheres negras a possibilidade de estar 100% dentro do padrão nunca foi viável pela sua cor. Assim, para ser uma negra "aceitável" precisaria ser magra, mas com o corpo curvilíneo, sem muitos traços negróides, cabelo liso e com a pele mais clara possível.

Os traços de mulheres negras nunca foram aceitos e muito menos vistos como belos. Deste modo, uma das principais características que parece incomodar mulheres negras são os cabelos: a luta das mulheres negras por fios lisos vem de muito tempo atrás. Segundo bell hooks,

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e foram considerados uma celebração da condição de negro(a). (hooks, 2017, *online*)<sup>10</sup>

A ideia de que cabelos lisos são os cabelos bonitos vem sendo implantada há muito tempo, assim como diversas outras características. É uma prática comum entre as famílias as mulheres se reunirem para alisarem seus cabelos. Antes dos avanços tecnológicos que possibilitam um alisamento menos agressivo, as mulheres utilizavam pentes quentes, o que acarretava em queimaduras severas no couro cabeludo. Quando jovens, a possibilidade de alisar o cabelo era vista como “tornar-se mulher”, antes disso as meninas e crianças utilizavam tranças e penteados em seus cabelos que representavam a infância. Após certa idade, a utilização do pente quente era permitido para as filhas pelas suas próprias mães, como um rito para a vida adulta (hooks, 2005, *online*).

---

<sup>10</sup> Matéria do site Criola, que foi retirado da Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com(<http://coletivomarias.blogspot.com/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>)

Embora hoje vivamos um momento de exaltação do cabelo cacheado e do cabelo crespo, esses cabelos ainda não são vistos com bons olhos no mercado de trabalho, principalmente quando se trata de cabelos crespos. Anos atrás,

Até então, alisar os cabelos era uma ação herdada das referências do passado, de avós e mães. Hoje, não alisar os cabelos e optar por participar de um processo de mudança e de transição é pautado pelo acesso a novas informações que têm como discurso a liberdade das mulheres e ascensão de minorias sociais. A globalização e o desenvolvimento dos meios de comunicação auxiliam na difusão dessas informações. (CARVALHO, 2016, p. 78-79)

Além da relação com o cabelo, diversas mulheres optam por cirurgias estéticas para suavizar seus traços étnicos, como rinoplastias. É o caso de negras famosas como Anitta e Ludmilla. Os traços étnicos continuam sendo mal vistos pela branquitude, dificultando o reconhecimento de mulheres negras com seus próprios traços. O “nariz da batata”, “nariz de nego”, continuam sendo apontamentos negativos no rosto de uma pessoa negra, o que causa um descontentamento com a sua própria identidade.

Em 2020 uma nova onda surgiu: o preenchimento labial ganhou força como novo modelo estético a ser buscado. Ocorre que lábios grandes são características de pessoas negras, e agora a branquitude quer se apropriar desta característica fazendo com que vire uma tendência. Isso levanta a questão de como a branquitude consegue fazer com que torne moda e seja incorporada pelo mercado e pela mídia o que ela deseja. Por muitos anos os lábios carnudos dos negros foram motivo de piada e de racismo, hoje são considerados moda.

### 3.3 AUTOIDENTIFICAÇÃO COMO MULHER NEGRA

#### **“Tenho 30 anos, mas sou negra a dez. Antes era morena” - Bianca Santana.**

A autoidentificação como uma mulher negra surge de diferentes formas para cada mulher. Cada experiência tem muitas variáveis, a família, a criação, os pais, as escolas que frequentou e até mesmo a tonalidade da pele, o tipo de cabelo. Se formos pensar em como ocorreu, para cada pessoa, com certeza teremos muitas histórias diferentes. No livro “Quando me descobri negra”, Bianca Santana em uma série de relatos, aborda sobre as experiências pessoais de homens e mulheres negras, todas as histórias são diferentes, mas que retratam situações cotidianas que pessoas negras passam todos os dias.

A autoidentificação não se limita em apenas saber da sua etnia, mas de se auto afirmar, de reconhecer a sua etnia e tudo que isso pode acarretar na sua vida. É um processo

doloroso, porque pressupõe reconhecer os lugares de opressão a partir dos quais suas identidades foram forjadas, nem sempre acontece na infância. Muitas mulheres relatam que já sabiam desde jovens que eram negras, mas que com a juventude perceberam o que significa ser uma mulher negra. As questões identitárias estão ligadas diretamente a como essas mulheres se veem no mundo e no próximo item iremos falar um pouco mais sobre isso.

O encontro da negritude é uma das principais formas para se conhecer sobre raça e sobre o que é ser negro no Brasil. Adquirir consciência racial muitas vezes é um processo doloroso e difícil. Afinal, você começa a compreender o local em que se encaixa no mundo e como ser uma pessoa negra irá fazer com que as experiências se tornem muito mais difíceis. Para fins de construção de nosso raciocínio e argumentação, é importante contextualizar o conceito de negritude:

Negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No terreno político, negritude serve de subsídio para a ação do movimento negro organizado. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana (DOMINGUES apud FABRIS, WESCHENFELDER, 2019, p. 3).

No Brasil a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado, segundo o Mapa da violência de 2016 que traz dados de 2014. Houve 42.291 pessoas vítimas de homicídio no Brasil em 2014 e destas pessoas 70,5% eram negras, 59,7% são jovens negros de 15 a 29 anos. A população negra é a que mais morre e saber que você pode fazer parte deste índice assusta. Porém, reconhecer a sua negritude e o seu lugar no mundo não remete apenas a coisas ruins. Ao se reconhecer uma pessoa negra e aceitar isso você recebe a sua ancestralidade, você conhece outras pessoas, conhece o movimento negro e descobre qual é a sua história de verdade. A sororidade negra é um elemento marcante do feminismo negro, podendo também funcionar como um modo de governo dos sujeitos atuantes do movimento. Isso porque a sororidade negra pressupõe que o posicionamento das mulheres negras seja de luta e de defesa não apenas de si, mas de todas as mulheres negras. (FABRIS, WESCHENFELDER, 2019, p. 9).

O crescente desenvolvimento da tecnologia e do acesso à internet, além do maior ingresso de pessoas negras no ensino superior, vem contribuindo para que o movimento se torne mais potente e chegue a pessoas ainda mais jovens, fazendo com que o debate seja mais amplo. Com o crescimento dos influenciadores digitais, o diálogo sobre as pautas do feminismo negro tem circulado mais e mobilizado as redes sociais. Esse fluxo tem

possibilitado um maior engajamento e, por consequência, auxiliado diversas pessoas a se autoidentificarem. Em contraponto, há o lado negativo da negritude, onde ela pode ser vista como uma forma de aprisionar as pessoas negras que podem sentir que não são negras o suficiente, acreditando que exista alguma identidade perfeita que possam alcançar para que então, se considerem pessoas negras de verdade. Esse contraponto mostra o quanto a negritude deve caminhar para reverter a invisibilidade dessas pessoas e fortalecer a identidade cultural delas. (FABRIS, WESCHENFELDER, 2019, p. 12)

Um fator que pode diferenciar essa autoidentificação é a tonalidade da pele, assim como pessoas retintas tem uma probabilidade maior de sofrerem racismo e sofrerem as consequências que o racismo traz do que pessoas negras de pele clara. A autoidentificação como mulher negra também passa por esse processo. Mulheres negras com a pele clara acabam tendo mais probabilidade de não se reconhecerem como mulheres negras. Boa parte desse processo vem da ideia de miscigenação e do não conhecimento do colorismo. Com a circulação de termos como parda ou mulata, muitas pessoas deixam de se nomear como negras por não se sentirem pertencentes ao movimento, por se sentirem muito claras para serem negras e muito escuras para serem brancas.

Assim como muitas mulheres se reconhecem negras quando entram em contato com a negritude, outras passam pela autoidentificação quando se veem impossibilitadas a continuar com seus métodos de alisamentos e passam pela transição capilar, mesmo não sendo a sua primeira escolha. O cabelo, como falamos anteriormente, é um dos fatores que podem servir como uma afirmação da sua negritude e de sua ancestralidade.

Assumir o cabelo crespo é um dos principais preceitos para reconhecer-se como mulher negra. No entanto, uma vez compreendendo a negritude e se identificando com ela, [...] todas as mulheres negras podem se relacionar com o próprio corpo com liberdade. (FABRIS, WESCHENFELDER, 2019, p. 10).

Não é necessário que as mulheres negras passem pela transição para aceitar a sua negritude, e nem que utilizem o seu cabelo de forma natural, afinal o importante é reconhecer e aceitar a sua raça da forma como ela é. Após ter conhecimento da sua negritude e compreender o que isso significa, mudanças externas como alisar o cabelo, não vão mudar a forma como mulheres negras se auto-identificam. Afinal, após se encontrarem com a sua negritude, toda e qualquer atividade torna-se política. Com a construção da sua negritude, as mulheres negras começam a questionar e confrontar toda educação que já receberam, seja religiosa, em casa ou na escola, se reconhecendo como mulheres negras e reconhecendo o seu

lugar social, resultando na movimentação e problematização de toda estrutura racial brasileira. (FABRIS, WESCHENFELDER, 2019, p. 12)

### 3.4 PERCEBER-SE COMO DIFERENTE

O racismo também traz consequências para as mulheres negras desde a experiência da maternidade. Diversas mulheres relatam o medo da maternidade, considerando a maior probabilidade de sofrer violência obstétrica. Isso pode ser acarretado por diversos motivos, mas principalmente pela animalização de pessoas negras, neste caso, das mulheres. Isso se comprova com inverdades que muitas pessoas, até mesmo da área da saúde, afirmam, como por exemplo: mulheres negras tem quadris mais largos e por conta disso podem parir com maior facilidade ou sentem menos dor por serem mais fortes, o que leva a receberem menor quantidade de anestesia que mulheres brancas.<sup>11</sup>

Dados do sistema de informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS) de 2012 indicam que mulheres negras são 68,8% das vítimas de morte materna, considerada por especialistas como uma ocorrência evitável com acesso a informações e atenção adequada do pré-natal ao parto. Entre as mulheres submetidas a algum tipo de violência obstétrica no Brasil, 65,9% também são pretas ou pardas, segundo estudo *Desigualdades sociais e satisfação das mulheres com atendimento ao parto no Brasil: estudo nacional de base hospitalar*, publicado em 2014, nos cadernos de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. (BUENO, 2020, p. 94)

No que diz respeito às crianças, é importante perceber que desde o ventre de suas mães, elas já são tratadas de forma diferente. Quando entram em contato com o ambiente externo à casa, na escola, por exemplo, o mundo se mostra racista e aquela criança, mesmo sendo muito pequena e sem compreender bem, percebe que ela é diferente ou que está sendo tratada de modo distinto. Assim, o primeiro contato com o racismo normalmente acontece quando as crianças vão para a escola. Até este momento, é comum que elas vivam em um ambiente seguro com os seus iguais. Isso se aplica também entre pais ou familiares interracialis que, mesmo tendo contato com pessoas brancas e negras, é mais difícil que haja a percepção de uma diferenciação. Já na escola, a forma com que a branquitude cria seus filhos pode acarretar na primeira experiência de racismo de uma criança negra. Deste modo, não é

---

<sup>11</sup> GELEDÉS. Grávidas negras e pardas recebem menos anestesia no parto. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gravidas-pardas-e-negras-recebem-menos-anestesia-no-parto/>. Acesso em: 20 dez. 2020./

incomum que no ambiente escolar se reproduza um comportamento racista e até mesmo provoque exclusão de outras crianças por serem negras, por acreditarem que são diferentes.

Muitas pessoas, e até mesmo instituições, não acreditam que as distinções de raça e classe social indicam piores condições de vida material e cultural para a população negra. Um estudo realizado pela doutora Ana Maria de Niemeyer (2002) em duas escolas em São Paulo onde crianças negras se denominavam morenas e eram descritas da mesma forma por seus colegas. Alguns autores apresentaram reflexões do porquê da ocorrência desta diferenciação entre os alunos negros e brancos. Em relação aos alunos negros apontam a possibilidade de estar relacionado com as questões de distinção e aproveitamento. Eles acreditam que a internalização da autoimagem negativa relacionada aos estereótipos raciais, o preconceito dos professores, a distinção realizada pelos professores entre os alunos brancos e negros, juntamente com o conteúdo racista dos livros didáticos reflete no aproveitamento destes alunos. (HASENBALG e Silva apud NIEMEYER, 2002, p. 45)

Assim, boa parte dos livros didáticos não abordam questões raciais de forma efetiva e nem fomentam o diálogo sobre diferenças. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 8,7% professores do ensino básico no Brasil são brancos e os negros 8,1%. As professoras brancas são 47,2%, e as negras 35,9% (IPEA, 2017). Essa diferença reflete diretamente na educação dessas crianças. Crianças se inspiram em pessoas à sua volta. As crianças brancas são repletas de referências, na televisão, nos desenhos, nos livros, nas novelas e na escola. Mas e as crianças negras, devem se espelhar em quem?

As meninas negras sofrem na infância, além da falta de representatividade na mídia e no mercado de trabalho elas ainda sofrem com a questão da raça. Tomamos como exemplos as meninas do estudo que foi realizado por Niemeyer:

As meninas negras desde pequenas são colocadas diante da valorização do branco. Observações etnográficas indicam que elas não são escolhidas para entregar o presente para homenagear o professor, não são indicadas como rainhas de festas [...] e são muitas vezes rejeitadas como par, por um menino branco, na quadrilha da festa de São João, e assim por diante. Sem falar da valorização da mulher branca nos meios de comunicação de massa. ( NIEMEYER, 2002 , p. 56)

As mulheres negras são reconhecidas como “o outro do outro”(KILOMBA, 2019, p. 124) desde meninas. As discriminações de gênero, raça e sexualidade nascem juntas com as mulheres negras. E se para as mulheres adultas a discriminação é difícil, para crianças então, é inimaginável.

### 3.5 A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA - IDENTIDADE, SUBJETIVAÇÃO DAS IMAGENS DE CONTROLE

No Brasil, segundo o Censo do IBGE de 2010, 52,52% das mulheres negras que participaram do levantamento não viviam numa união estável, ou seja, mais da metade das mulheres negras consultadas eram solteiras. Segundo o mesmo Censo, 70% dos brasileiros se casam com parceiros de mesma cor. Isso quer dizer que os brancos se casam entre eles e teoricamente os negros deveria se casar entre eles também. No entanto, se mais da metade das mulheres negras estão solteiras, a conta não fecha. Esses dados se aplicam principalmente a mulheres negras retintas.

Atualmente, quando se fala sobre a solidão de mulheres negras, o debate se atenta apenas na relação afetiva dessas mulheres com homens/mulheres negros/as. É, portanto, uma discussão prioritariamente heteronormativa e afrocentrada. Porém, a solidão da mulher negra não se limita ao seu companheiro ou companheira, abrange também a forma com que mulheres negras são tratadas em diversos âmbitos de suas vidas.

Um desses aspectos se refere à estética destas mulheres. Segundo Djamila Ribeiro (2018, p. 87) “Dizer que beleza é uma questão de opinião, não dá. O racismo está na base da construção do belo”. É incalculável o número de mulheres que já ouviram a frase “Você é uma negra bonita ou para uma negra até que você é bonita”. Quando se analisa estas falas, que de início parecem inofensivas, percebemos o racismo e a forma implícita com que circula a ideia de que mulheres negras não são bonitas, e não são vistas como um ideal de beleza. O racismo se faz presente de mais uma forma na vida de mulheres negras. Elas não são consideradas sujeitos para serem amadas, e sim desejadas. Seu corpo é visto apenas para satisfação sexual.

Desde o início de nossas vidas, a todo momento, somos bombardeados com ideais de beleza, com pessoas brancas por todos os lados e com as ideias do que é belo, do que é agradável, do que é bonito e do que vale a pena mostrar. A branquitude sempre deixa muito claro qual é o corpo bonito, qual é o padrão e qual a cor da pele dessas pessoas.

Se o racismo tem um papel preponderante na construção dos padrões de beleza, conseqüentemente também terá na construção do desejo. Olhem as revistas. Liguem a TV. Qual é a “mulher ideal”? Quantas de nós foram preteridas pelo simples fato de ser negras? Como falar em gosto pessoal quando a esmagadora maioria pretere<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> **Pretere** vem do verbo preterir. O mesmo que: desconsidera, despreza, menospreza, omite.



mulheres negras? Como falar em escolha do indivíduo quando essas escolhas não nos escolhem? Desculpem o trocadilho. (RIBEIRO, 2018, pg. 87)

A ideia de que beleza ou gosto são questões de opiniões não fazem sentido. Desde o início das nossas vidas somos ensinados a gostar ou a odiar, considerar bonito ou feio, desde sempre nos dizem o que devemos considerar agradável ou não. A população negra sempre ficou com os piores adjetivos, perigosos, feios, bandidos, malandros, subalternos e muito mais. O padrão de beleza foi criado a partir da supremacia branca, o homem branco sempre será o bonito, o viril, o cavalheiro, e todos os outros adjetivos. Na televisão, a maioria dos mocinhos são brancos e todos os bandidos são negros, as donzelas são brancas e as mulheres hipersexualizadas ou trabalhadoras domésticas são negras

Sugundo conceito de Angela Davis, a pirâmide de dominação tem o homem branco no topo, a mulher branca como sua primeira dama, o homem negro vem logo depois, reforçando estereótipos de gênero, como base da pirâmide, temos a mulher negra. As mulheres negras que sempre serviram tanto a casa branca como a senzala. Na casa branca servindo os homens, cuidando das crianças e amamentando os filhos das sinhás e na senzala servindo como força de trabalho e como procriadora de escravos para o seu senhor.

Da mesma forma que a solidão diz respeito a como as mulheres negras são vistas/tratadas na sociedade, também se refere a como essas mulheres se sentem, quando foi a primeira vez que se sentiram sozinhas. A solidão é muito mais do que ter um parceiro ou parceira ao lado, ela diz respeito a se sentir abandonada, a não ter ninguém além de si mesma. Algumas mulheres relatam que sentiram a solidão pela primeira vez quando adentraram na ensino básico, quando não viam ninguém com o cabelo igual o seu, com a mesma cor da sua pele, ou até mesmo quando entraram no ensino superior, no seu primeiro emprego, em um local elitizado e perceberam que eram as únicas mulheres negras ali.

## 4 METODOLOGIA

Neste capítulo iremos descrever todos os processos da pesquisa, os autores utilizados: Lia Schucman, Djamila Ribeiro, bell hooks, Grada Kilomba, Winnie Bueno, Ana Maria Niemeyer, Silvio Almeida, Patrícia Hill Collins prioritariamente e os conceitos aos quais nos apoiamos para realizar este trabalho, o tipo de amostragem selecionado e o processo que nos levou as participantes do grupo focal. A nossa metodologia tem como objetivo nos levar ao encontro com nossos objetivos finais.

### 4.1 A METODOLOGIA

Para descrever o percurso metodológico desta monografia, é importante retomar o objetivo geral da pesquisa: analisar, a partir da realização de um grupo de leitura, como a leitura e a partilha de experiências contribui para o reconhecimento dos processos de autoidentificação entre mulheres negras.

Nesse caso, a construção do trabalho se desenvolve em uma perspectiva qualitativa, em que importa refletir a partir da aproximação com as experiências de mulheres. Assim, a pesquisa caracteriza-se como descritiva ou de campo, por tentar observar fatores humanos ou sociais, atentando-se às variáveis que podem vir a confirmar ou rejeitar a nossa hipótese. (MOTTA-ROTH, 2015, p. 120)

Para abordar a temática com as interlocutoras, entendemos que seria importante sensibilizá-las para a memória de suas vivências, estimular a fala de seus sentimentos, possivelmente contraditórios e nem sempre positivos, dada as dificuldades sociais já reconhecidas para este processo de autoidentificação da negritude.

Entre as várias possibilidades metodológicas, pensamos que seria importante proporcionar um momento de troca, de diálogo entre mulheres negras de perfis (idade, classe, estado civil) variados. Falar de si, refletir e ouvir outros relatos seria, portanto, uma forma de estimular a reflexão sobre como mulheres negras lidam e compreendem a sua negritude, e, principalmente, identificar quando e como este processo iniciou. Além de proporcionar uma troca entre pessoas que se identificam, e que muitas vezes se enxergam apenas na família.

Nas primeiras pesquisas sobre autoidentificação de mulheres negras, descobrimos a existência do livro da Bianca Santana “Quando me descobri negra”, a partir deste momento, compreendemos que o livro seria um produto essencial para iniciar o diálogo com outras mulheres. O livro tem 96 páginas, foi escrito por uma autora negra, a Bianca Santana, e tem o

foco de expressar como foi processo que a autora passou de se entender e se compreender como uma mulher negra. A obra é dividida em três partes: Do que vivi, Do que ouvi, Do que pari, e conta com 28 relatos sobre negritude. Entre estes, há histórias vistas e vividas pela própria autora e também há relatos de terceiros. Por sua escrita simples e acessível, Santana possibilita que mais pessoas consigam ler e compreender o seu livro e as narrativas contidas nele. Cada relato, embora muito pessoal, traz ao leitor memórias de situações conhecidas, seja por serem experienciadas diretamente ou por reconhecer a história a partir da convivência com outras pessoas negras.

Assim, escolhemos o livro de Bianca Santana como um elemento comunicacional que poderia estimular a sensibilização do grupo. “Quando me descobri Negra”, título da obra, é também título deste trabalho – pois converge exatamente com nosso objetivo e com a essência do que pretendemos abordar.

Ilustração 1: Imagens da capa, contracapa e capítulos do livro



Fonte: A autora

A primeira parte do livro é separada em nove relatos, com os títulos: quando me descobri negra; saudade do que poderia ter vivido; o racismo nosso de cada dia escancarado no meu cabelo; nem todo lugar é de preto; que corajosa por vir com esse turbante!; “posso te fazer um pedido?”; desmonte; pelo gosto, pela cor e pelo cheiro. Durante toda essa primeira parte a autora se detém em contar um pouco sobre as suas histórias de vida e do seu próprio processo com a sua cor, abordando temas como ser confundida com atendente, descobrindo a

negritude, identificação com culturas africanas, racismo, questões com o cabelo. A forma com que Bianca escreve nos possibilita compreender claramente seus sentimentos, suas angústias. Além disso, os relatos dela se conectam com muitos aspectos da vida de mulheres negras, seja a relação com o cabelo, com a raça e até mesmo o contato com a negritude. A autora realiza uma linha do tempo, a qual podemos perceber, pelos títulos dos contos, desde o seu contato e a percepção de ser uma mulher negra, até o ponto em que identifica o racismo instaurado sobre toda a sua vida.

Já na segunda parte, contamos com oito relatos, cujos os títulos são: mulher-maravilha; livros para quem; não mexa com quem não anda só; o poder da palavra; auto de resistência; alemão; “eu sou morena”; a patroa. São abordados neste capítulo do livro assuntos como a autoidentificação com sua própria raça, abordagem policial, preconceitos raciais e de classe, resgate histórico, posicionamento político, etc... Diferentemente da primeira parte, a autora se detém em relatar histórias que lhe foram contadas por terceiros. Era de se esperar que neste momento houvesse um afastamento do leitor com o livro, afinal, a autora já não está mais falando sobre si mesma. Porém, o livro tem como uma de suas características a escrita pessoal, que faz com que o leitor se identifique e até compare as suas vivências com os relatos do livro.

Em sua terceira e última parte, o livro conta com nove relatos: a primeira crônica; livre para amar #SQN; livro de (que) história (?); e que lugar seria; revista; desculpa, Nati; prevenção; e antes de me despedir... Sendo o último de apenas uma estrofe, a qual a autora utiliza para instigar e provocar o leitor. Os relatos abordam temas como questões sobre cabelo crespo, estereótipos em mulheres negras, racismo, constrangimento no ambiente de trabalho e visitas ao presídio. Nesta última parte a autora se permite imaginar e criar. Neste momento ela conta relatos que viveu, que escutou e até mesmo que criou. Termina, então, o livro com um pedido: “Você se lembra de quando foi racista com uma preta ou um preto? Não precisa contar pra ninguém. Só tente não repetir.” (SANTANA, 2015, p. 94)

Tendo em vista a ideia que o encontro coletivo iria vir a favorecer a abertura para as reflexões, decidimos pela realização de um grupo de leitura inspirado na metodologia de um grupo focal.

Grupos Focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. (THORNTON, 2005, p. 15).

Um grupo focal, segundo Ricardo Thornton (2005), ocorre a partir da reunião de 6 a 8 participantes que possuem algumas características semelhantes e debatem sobre algum tema específico, assim, oferecendo dados de natureza qualitativa em uma conversação guiada. Dependendo de qual é o objetivo da pesquisa, pode ser realizado com pessoas de gênero, raça, classe e sexualidade diferentes. Pode ser um grupo para falar sobre um determinado assunto em comum ou ainda para realizar uma amostragem sobre determinado produto. No nosso caso, o objetivo foi compreender como se dá o processo de autoidentificação racial entre mulheres negras, tendo o livro como elemento facilitador deste debate.

Normalmente, os grupos focais devem ocorrer em um local com iluminação e temperatura controladas, tendo em média de uma a duas horas de duração. Porém, neste trabalho, em razão do isolamento social proporcionado pela pandemia de COVID-19, não foi possível realizar o grupo pessoalmente. Assim, optamos por utilizar uma plataforma *online* para que todas as participantes pudessem fazer parte do encontro. Para tanto, durante este grupo utilizou-se o recurso da vídeo-chamada, para que mesmo de longe conseguíssemos identificar ações involuntárias em seus rostos e também para que houvesse uma aproximação entre todas as participantes. O encontro do grupo foi gravado após autorização de todas as participantes.

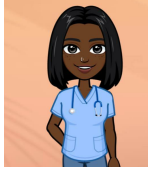
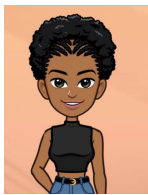
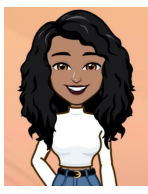
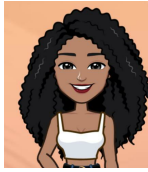

Para que o grupo e a pesquisa pudessem seguir a ideia inicial, de refletir sobre o processo de autoidentificação da negritude de forma mais ampla, tivemos que reunir mulheres negras de diferentes classes sociais e idades para que se tivesse um grupo mais diverso possível. Com esse objetivo, entramos em contato com mulheres negras a fim de encontrar quem tivesse interesse e disponibilidade para participar da pesquisa, até chegarmos às cinco participantes do grupo de leitura.

A escolha destas cinco mulheres ocorreu por conveniência (não probabilística), isso significa que os elementos da amostra são selecionados por conveniência ou facilidade para a pesquisadora. Essa opção se deu por dois motivos: o primeiro foi a necessidade de um distanciamento social ocasionado pelo novo Coronavírus (COVID-19), assim, tornou-se mais difícil entrar em contato com mulheres desconhecidas, ou até mesmo realizar esta pesquisa de forma presencial, como dito anteriormente. O segundo motivo relaciona-se com o fato do grupo tratar da questão etnico-racial, que pode suscitar uma conversa mais sensível, principalmente por tratar da vivência destas mulheres. Desse modo, entendemos que a existência de algum laço/referência com as pesquisadoras (não necessariamente laços entre si) poderia deixá-las mais seguras para falar de suas experiências. Assim, como dependíamos

da participação e do envolvimento destas mulheres, optamos por convidar mulheres negras do círculo de amizade ou conhecidas próximas.

Deste modo, chegamos a composição da amostra do estudo: mulheres com idade entre 20 e 47 anos, com variadas experiências e posições sociais: constituição familiar, classe social, moradia, escolaridade, profissão, sendo quatro residentes em Santa Maria e uma residente em São Pedro do Sul. O ponto de convergência principal entre elas é a autoidentificação como mulheres negras. Para melhor apresentar os seus perfis, construímos abaixo um quadro com as principais informações. Destacamos que os nomes elencados são fictícios, para preservar a identidade das informantes.

Tabela 1 - Participantes do grupo de leitura.

Caricatura	Nome	Idade	Profissão	Colorimetria	Estado Civil	Cidade	Grupo Familiar
	Alicia	47	Técnica em Enfermagem	Retinta	Divorciada	Santa Maria	Mãe e filha universitária
	Carla	21	Estudante de Relações Públicas e empreendedora	Retinta	Noiva	Natural de SP, em Santa Maria há 4 anos	Noivo e grávida de uma menina.
	Fabiana	39	Gerente de loja e bacharel em direito	<i>Light Skin</i>	Divorciada	Santa Maria	Quatro filhos
	Nathália	20	Estudante de graduação de Nutrição	<i>Light Skin</i>	Solteira	Santa Maria	Mãe
	Ravena	25	Professora de Inglês	Retinta	Solteira	São Pedro do Sul	Mãe, Pai e Irmão

Fonte: a autora

Após o contato inicial, em que se prontificaram a participar do estudo, foi organizado um grupo no *Whatsapp* em que todas poderiam se conhecer e se familiarizar minimamente. Neste grupo não houve diálogo espontâneo entre as participantes. Além de realizar uma apresentação sobre a pesquisa e sobre a autora, repassamos as informações primordiais para o encontro, sendo essas: data, horário, local. Também através deste grupo foi encaminhado para todas uma versão em PDF do livro, com aproximadamente um mês de antecedência ao grupo de leitura. As entrevistadas foram convidadas a ler o livro e indagar-se sobre qual o relato que mais se identificaram. Após a leitura do livro e a data previamente agendada do encontro, o grupo *online* aconteceu.



Após o contato e a confirmação de participação destas mulheres, foi construído um roteiro semi-estruturado com nove perguntas relacionadas à leitura do livro, separadas por tópicos. O roteiro, disponível na tabela 2, foi planejado para que houvesse uma linha de raciocínio, desde questões mais básicas/amplas até as mais importantes/delicadas. A sequência foi organizada de forma em que o diálogo tivesse início com questões sobre o livro (questões 1 e 2), os pontos que mais chamaram atenção, que mais gostaram ou que não gostaram. Já na segunda etapa (questões 3 e 4) o foco se voltava para o debate sobre como elas se sentiam em relação a sua identidade racial, se houve identificação como mulheres negras e como ocorreu, se houve algum momento em que isso ficou evidente, se o livro despertou algum novo sentimento ou fez com que percebessem algo que estava presente em suas histórias. Na terceira sessão (questões 5, 6 e 7), as questões eram mais pontuais, sobre a vivência delas e a opinião formada (ou não) que tinham sobre assuntos da negritude, hiperssexualização, relacionamentos. Como finalização do roteiro, as questões 8 e 9 falavam especificamente sobre comunicação, como elas viam a representação das mulheres negras na mídia e que sentimentos poderiam ser despertados a partir desse reconhecimento.

Tabela 2 - Questões aplicadas durante o grupo de leitura.

1	Como foi o seu processo de leitura? O que você achou do livro? Quais sentimentos, lembranças, impressões ele lhe deixou?
2	Algum relato do livro lhe chamou mais atenção? Por que?
3	Baseada em sua história de vida, houve algum momento, em que você se reconheceu como mulher negra? Se sim, como foi o sentimento.
4	Existe algum ponto no livro que você nunca tinha pensado? Se sim, qual?
5	O que vocês pensam sobre a questão da sexualização, da hiperssexualização da mulher negra e de essas mulheres estarem no topo dos índices de mães solas?
6	Alguma outra experiência do livro que vocês estranharam, que consideraram uma situação difícil de imaginar que continue acontecendo?
7	Em algum momento vocês entendem que têm acontecido alguma situação de um questionamento implícito de suas competências e que tenha passado pela questão da negritude?
8	O que você acha da representação de mulheres negras nas mídias? Você se sente representada? E você lembra de algum personagem que considera marcante? Positiva ou negativamente?
9	Você acha que a mensagem que o livro produz poderia/deveria ser compartilhada com outras mulheres negras? Como esse compartilhamento poderia ser feito?

Embora todas as questões planejadas fossem importantes, tínhamos como objetivo que todas as participantes respondessem especialmente à questão três, que relacionava o autoreconhecimento da negritude e a experiência da leitura. É importante salientar que em nenhum momento as participantes foram obrigadas a responder as questões, todo o diálogo surgiu de forma orgânica.

## 4.2 O GRUPO DE LEITURA

O grupo de leitura ocorreu às 19h do dia 22 de Outubro de 2020, sendo utilizada a plataforma *Google Meet*, que possibilita a gravação das vídeo chamadas. A gravação foi feita com consentimento das participantes com o objetivo de facilitar a transcrição dos diálogos. Todas as mulheres compareceram no horário exato, apenas uma que teve um imprevisto e atrasou-se em torno de 30 minutos, porém isso não foi problema. No primeiro momento do encontro, a professora Milena Freire realizou a abertura, se apresentando e agradecendo a todas por sua disponibilidade de horário.

Iniciamos o grupo com as apresentações, primeiramente eu<sup>13</sup> me apresentei brevemente, agradei pela participação de todas e pedi que todas se apresentassem, de uma forma pontual, com nome, idade, classe social, onde moravam e a sua profissão. Planejamos em torno de 15 a 20 minutos para as mulheres se apresentarem.

Iniciamos o grupo com a perspectiva de duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos, porém o debate se estendeu e chegamos a pouco mais de 2 horas. Em princípio, estávamos preparadas para que houvesse alguns imprevistos como falta de participação ou divergência de ideias, mas o grupo ocorreu de forma muito tranquila. Após todas se apresentarem, iniciei a aplicação das questões. Em um primeiro momento eu havia separado as questões de acordo com as divisões do livro, mas a sequência não foi aplicada desta forma tendo em vista que participantes do grupo não fizeram esta distinção na leitura. Assim, foi tomada a decisão durante a realização do grupo de fazer as questões de acordo com a leitura completa do livro e não pelos “capítulos”.

Em um primeiro momento, a conversa se deteve em como o livro foi uma leitura agradável e agregadora para as participantes. Houve muita concordância e identificação entre

---

<sup>13</sup> Nesta parte do texto mudei a voz do texto, tornando-o mais pessoal e relacionando de forma mais correta as etapas que executei para que este trabalho fosse finalizado. Atrélendo essas questões ao fato de eu ser uma mulher negra que reconhece todos esses processos e que na idealização e realização destes processos sempre trabalhei para que fosse o mais sensível possível.

elas, principalmente sobre a questão estética e como o cabelo afetava e foi considerado um ponto crucial para a identificação delas como mulheres negras. Neste ponto, tivemos duas discordâncias, enquanto Nathália, Ravena e Bruna concordavam que o cabelo é um ponto importantíssimo no reconhecimento enquanto mulheres negras, Fabiana alegou não ter passado por isso, mas reconheceu isso com suas filhas. Já Alicia afirmou que não teve essa vivência, se sentindo resolvida com seu cabelo alisado.

De forma geral as participantes não tiveram mais discordâncias, pelo menos não explícitas. O encontro foi muito sensível. Quando chegamos nas questões relacionadas ao racismo e a diferenciação por conta de serem mulheres negras, houve momentos de comoção mútua, de voz embargada e de olhares de identificação e de consolação. Tivemos diversos relatos de racismo, boa parte deles era quase unânime na identificação das participantes.

Eu estava muito nervosa no início do encontro, assim como outras participantes. Mas, com o passar do tempo e com a troca de experiências, o nervosismo deu espaço para a empatia e a identificação. Assim como aquelas mulheres que cederam seu tempo e se prontificaram a participar do grupo, se mostrando da forma mais vulnerável possível, eu também era uma mulher negra e também compreendia a dor delas. O grupo foi considerado por mim um sucesso, não só pelos dados coletados mas por sentir que, naquele momento, éramos uma rede de apoio e que estávamos em um local seguro para conversar sobre nossa negritude. Após um pouco mais de duas horas de duração, encerramos o grupo. Porém, antes dos agradecimentos meus e da professora Milena Freire, solicitei às participantes que me enviassem um feedback sobre o grupo, em relação a experiência delas com o grupo.

#### 4.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi separada em três momentos. Primeiramente, foi registrado o áudio e o vídeo do encontro com as entrevistadas, mediante autorização das mesmas. Em um segundo momento, foi realizada a transcrição literal da totalidade de duração do encontro online. No terceiro momento foram realizadas diversas leituras para o mapeamento das diferenças e semelhanças nas falas das entrevistadas, com o objetivo de compreender quais categorias e linhas temáticas desenvolvidas no encontro poderiam ser empregadas e estariam alinhadas ao nosso problema de pesquisa: A leitura de uma literatura escrita por uma mulher negra poderia favorecer ou facilitar a autoidentificação e o processo de negritude de mulheres negras?

Para a transcrição literal do grupo de leitura foi utilizado um aplicativo de celular que transcrevia, mesmo que de forma bem simples, e também foi realizado de forma tradicional. O processo de transição levou em média 10 dias para ser finalizado, pois foi realizado paralelamente a outras atividades. A transcrição resultou em um total de 22 páginas de texto, sem imagens, por conta da numerosa quantidade de páginas optamos por não adicionar a transcrição nos anexos.

Após a leitura e análise da transcrição literal do áudio, os dados foram divididos em quatro categorias embasadas em temas mais abordados pelas entrevistadas durante o grupo *online*. Estas categorias são (1) Questões sobre o livro relacionadas a pontos favoritos, ao processo de leitura e a relação de mulheres negras com a literatura. (2) Relação com seu próprio cabelo, sua estética e a autoimagem. (3) Vivência, negritude, hiperssexualização e relacionamentos, a forma com que essas mulheres se relacionam com assuntos delicados, mas presentes no dia a dia de mulheres negras. (4) Mulheres negras e a comunicação, momento onde analisamos como as participantes veem as mídias e o que ainda precisa melhorar. A análise destes dados foi realizada conforme os tópicos acima e será explicitada no próximo capítulo. Após os capítulos de análise, haverá um apenas para abordar o feedback das participantes e como foi a experiência de participar de um grupo de leitura para elas.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados categorizamos os dados em quatro temas de análise. Neste presente capítulo iremos analisar cada uma dessas categorias separadamente. Assim, iremos relacionar os dados coletados com as questões já abordadas nos nossos capítulos teóricos. Com isso, pretendemos analisar de que forma as mulheres participantes do grupo de leitura se familiarizam com questões como raça, gênero, representação e outros temas já abordados. Para análise em si, nós faremos uma breve introdução sobre a categoria em questão, e articulamos com algumas falas das participantes durante o grupo.

### 5.1 MULHERES NEGRAS E A LITERATURA

Mulheres negras são vistas como mulheres fortes, porém mulheres negras não são nada mais do que mulheres sobrecarregadas. A sobrecarga destas mulheres respinga em vários aspectos das suas vidas, como por exemplo a falta de lazer, o trabalho excessivo, relacionamentos, saúde mental, etc... Enquanto mulheres são consideradas hábeis apenas para trabalhos braçais, o seu intelecto muitas vezes é desconsiderado.

Como literatura de resistência, narrativas confessionais de pessoas negras são didáticas. Mais do que qualquer outro gênero textual, a produção de narrativas confessionais honestas pelas mulheres negras que estão lutando por sua autorrealização e para se tornar sujeitas radicais são necessárias como guias, textos que reforçam o companheirismo entre nós. (Eu preciso não me sentir isolada e saber que existem outras companheiras com experiências semelhantes. Eu aprendo com suas estratégias de resistência e com os relatos de seus erros). (hooks, 2019, p. 107)

“Quando me descobri negra” de Bianca Santana foi o livro escolhido como veículo comunicacional para análise neste trabalho. Não apenas por ser escrito por uma mulher negra, mas por ser escrito de uma mulher negra para mulheres negras. A forma como Santana aborda temas que rodeiam pessoas negras todos os dias de uma forma sensível e clara, gera uma proximidade. Percebemos isso nas participantes do estudo, a ligação delas com o livro é notável, principalmente pela identificação que tiveram com ele. *“E eu acho que, isso é o que mais me marcou durante toda a leitura, o quanto eu me reconhecia ou conhecia pessoas próximas e histórias próximas durante todo o processo”*<sup>14</sup>, diz Carla sobre o seu processo de leitura.

---

<sup>14</sup> Citações das participantes do grupo de leitura estão em itálico para diferenciar das demais citações.

Como primeiro elemento de análise, utilizamos os relatos das participantes referente ao processo de leitura delas sobre o livro. Nosso objetivo geral era analisar, a partir da realização de um grupo de leitura, como a leitura e a partilha de experiências contribui para o reconhecimento dos processos de autoidentificação entre mulheres negras. Grande parte das mulheres que faziam parte do grupo não tinham o hábito de ler e, mesmo assim, se mostraram otimistas quanto à leitura deste livro e indicaram ele para outras mulheres, reconhecendo que poderia de fato ajudar outras mulheres negras em seus processos.

Nossa sociedade é estruturalmente racista, o racismo não é um dado ocidental, mas sim um elemento constitutivo dos Estados modernos (ALMEIDA, 2019, p.54). Assim como diversos autores defendem, o estado sempre irá dificultar, mesmo que inconscientemente, para os racializados. Assim, essas pessoas acabam por ter menos acesso à escola, ao mercado de trabalho e, por consequência, à literatura, que é uma fonte importantíssima de conhecimento para todos. Por questões estruturais e históricas, não é raro que pessoas negras acabem trabalhando em locais que nem sempre são bem remunerados. Deste modo, o acesso a livros torna-se mais difícil, lembrando que os livros normalmente são caros e/ou não são vistos como prioridade de compra. E nem sempre são disponibilizadas em bibliotecas públicas. É neste contexto que o contato com a leitura se torna importante

A escrita para mulheres, sobretudo para mulheres negras, é uma ferramenta importante de autodefinição. A escrita de mulheres negras fez possível que essas mulheres escrevessem em voz própria suas narrativas e trajetórias. Numa sociedade estruturalmente racista, onde ferramentas ideológicas são articuladas para cercar a subjetividade dessas mulheres, a escrita é um importante instrumento de autodefinição. (BUENO, 2020, *online*)<sup>15</sup>

O ato de ler mulheres negras é necessário para a formação da negritude, ler mulheres que escrevem para mulheres negras é revolucionário. Compreendemos isso com algumas falas das nossas participantes, Alicia diz sobre o livro: *“acho bem interessante porque contou um pouco da nossa história. Contou um pouco do que ocorre, às vezes nem é a minha, mas de qualquer uma de nós.”* O grupo de leitura mostrou que mulheres negras se reconhecem em obras de outras mulheres e mais que isso, elas se interessam por literaturas que foram escritas pensando nelas.

Em relação a identificação das participantes com a leitura do livro, tivemos diversos relatos sobre como o livro retrata diversas percepções que elas tinham ou ainda têm com elas mesmas, e principalmente situações que reconheciam. *“Acho que o livro me deixou bem*

---

<sup>15</sup> BUENO, Winnie. A literatura pode reverter a desvalorização do olhar das mulheres negras no Brasil. [Entrevista concedida a] Fabiana Reinholz, Brasil de Fato, Setembro, 2020. Acesso em: 20/01/2021

*emocionada, assim, eu falei que todo mundo deveria ler, todas as pessoas que falam que: “não existe racismo”, que essas situações não existem e que é só coisa da cabeça da gente. É isso.”, disse Ravena.*

Ravena é uma mulher de 25 anos e durante o grupo de leitura ela relata que nunca havia lido um livro escrito por uma mulher negra, que nunca havia visto um livro que tivesse sido escrito pensando em mulheres como ela, negras. Entre todas as participantes, foram vários os momentos que comentaram sobre o seu relato “favorito” do livro: algumas escolheram pontos que se identificaram, como o cabelo, ou uma história parecida com algo que já ouviram, também tivemos relatos de histórias que trouxeram à memória momentos ruins.

*“Acho que o momento que eu tava lendo e eu parei e chorei foi quando a mãe ouviu o disparo, né. É por isso que eu luto todos os dias para que meus filhos tenham um futuro melhor e todos os dias, assim.” (Fabiana)*

Fabiana é uma mulher negra de 39 anos, divorciada, que tem quatro filhos de idades distintas. O relato a que ela se refere diz respeito a um menino que foi morto na porta de sua casa enquanto fazia a lição de casa e a sua última visão foi a botina de um policial. Compreendemos que a identificação das leitoras pode ser ligada a pontos positivos e negativos, trazendo situações que foram resolvidas no passado, como também traz à tona preocupações atuais, questões que boa parte das mulheres negras precisam lidar todos os dias.

Segundo as perguntas do questionário, nós abordamos a forma com que as participantes se identificam com seus traços, principalmente com o seu cabelo - fator muito comentado por elas - e tentamos compreender como o reconhecimento racial perpassa por esse meio. O assunto sobre cabelo surgiu após a participante Ravena comentar sobre ter se identificado com o relato do livro que fala sobre cabelos.

*“Eu me identifiquei com cada uma das histórias, principalmente com o cabelo, por que eu usei trancinha por muito tempo, manter o cabelo preso sabe, porque eu achava que era estranho, que era feio, que ficava espigado não sei o que” (Ravena)*

*“[...] no ensino fundamental eu sempre usava o meu cabelo preso porque eu tinha vergonha também, é, vergonha assim, porque ficava volumoso. Eu não sabia cuidar. [...] Eu também me identifiquei bastante com a parte do morena, que é bem no início do livro, que fala que as pessoas, eu acho que as pessoas tem medo de chamar a gente de negra e denominam a gente como morena, ou se não, me chama de negra-branca isso também não existe né? [risos]” (Nathália)*

*“Com 4 anos a minha mãe já passava aqueles relaxantes e tudo mais, ela sempre alisou o cabelo, até hoje ela alisa o cabelo e pra ela aquele é o padrão, sabe? Ela queria muito que eu me sentisse melhor com a minha aparência, porque desde mesmo tão pequena, eu não gostava. Não, eu não gostava daquele cabelo cheio, eu não gostava de trança para controlar; para domar o cabelo, então a gente começou a alisar, então, desde os 4 ou 5 anos mais ou menos eu alisava.” (Carla)*

A falta de identificação com o próprio cabelo está presente desde muito cedo, Carla começou a alisar o seu cabelo com apenas 4 anos e utilizou química até entrar na transição, processo que demorou cerca de 10 anos para acontecer. A indagação que temos é o que leva crianças negras a não gostarem de seus próprios cabelos? Essa indagação pode ser respondida, pelo menos parcialmente, por uma citação do Stuart Hall em uma obra da bell hooks (2019, p. 123) Uma vez que o cabelo é produzido como mercadoria e comercializado, ele reforça ideias contemporâneas de que beleza feminina e atratividade podem ser compradas.

[...] Não só, no sentido “orientalista” de Said, fomos construídos por esses regimes, nas categorias de conhecimento do Ocidente, como diferentes e outros. Eles tinham o poder de fazer com que nos víssemos, e experimentássemos a nós mesmos, como “outros”. Todo regime de representação é um regime de poder formado, como lembrou Foucault, pelo binômio fatal “conhecer/poder”. Mas esse tipo de conhecimento não é externo, é interno. Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse “conhecimento”, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a conformação subjetiva à norma. (HALL apud hooks, 2019, p. 30)

Assim, compreende-se que desde o nascimento crianças negras são ensinadas a compreender o seu lugar, ensinadas a ver beleza no eurocêntrico e não em suas próprias raízes. Desde crianças, meninas negras são expostas a um ideal eurocêntrico de beleza, onde aprendem que o bonito são os traços finos, que o padrão é o cabelo liso. Assim, torna-se comum que essas crianças não queiram se sentir “diferentes”. Como Jia Tolentino relata, em contos de fada, as mulheres más são feias e as lindas princesas são boas (TOLENTINO, 2020). Mesmo involuntariamente crianças negras entendem que personagens bons e bonitos são loiros, brancos, que se vestem de determinada maneira, enquanto os maus e feios tem o cabelo “bagunçado”, muitas vezes cacheado e/ou são racializados.

A indústria promove a beleza eurocêntrica, as mulheres de cabelos lisos ainda ocupam a maior parte da representatividade na mídia. A representação da mulher negra na mídia é quase imperceptível, ainda assim, quando modelos negras estão presentes em anúncios, a prioridade são mulheres que têm o cabelo alisado ou que se disponham a utilizar laces lisas.



O estímulo a aderir às madeixas alisadas está presente na vida das mulheres negras há muito tempo. O que não é dito, é que uma mulher negra não será vista como branca por alisar o seu cabelo, uma mulher negra com o cabelo alisado é apenas isso, uma mulher com cabelo alisado.

*“Aos 10 anos eu comecei a fazer progressiva. E era tipo, era horrível, que nem ela fala ali que dói, queima a cabeça, puxa, estica e é uma sensação ruim e parece que nunca é o suficiente e por mais que você tente, você não vai se transformar em branca alisando o cabelo, entendeu? Vai ser um cabelo crespo alisado. Isso sempre me doeu muito.” (Carla)*

Meninas jovens se submetem a dores, queimaduras, calor excessivo, químicas agressivas e diversos outros fatores apenas para se sentirem um pouco mais confortáveis em nossa sociedade. O fato de as mulheres não se sentirem confortáveis com seus corpos é uma questão mundial. Todos os dias novas cirurgias, cremes e métodos de modificação corporal surgem. Porém, para mulheres negras o problema é mais grave, afinal há um impedimento muito maior para elas chegarem ao ideal de beleza. Para mulheres brancas, as questões rodeiam como parecer mais magra, como ter o cabelo mais loiro, como ter seios mais avantajados, como ter um abdômen negativo. Para mulheres negras mesmo conseguindo tudo isso, há uma questão maior: a cor da sua própria pele.

Enquanto as entrevistadas concordavam e trocavam experiências sobre a aceitação de seus próprios cabelos, uma das entrevistadas que tem cabelo alisado traz o seu ponto de vista

*“O livro fala muito o cabelo, trançado, acho lindo com trança, nagô, cabelo cacheadão, cabelo liso, isso não vai fazer diferença na cor da minha pele, da maneira pela qual eu vou me sentir, me sinto bem com o liso, eu vou alisar, não vou deixar de ser negra se alisar o cabelo.” (Alicia)*

Os cabelos podem ser considerados, por boa parte das mulheres, responsáveis pela sua autoestima, isso se aplica a mulheres negras também. E como já abordamos no capítulo anterior, quando uma mulher negra entra em contato e reconhece a sua negritude, alisar o cabelo ou realizar alguma intervenção estética não há fará deixar a negritude ou ser “menos” negra. Após ter esse conhecimento e iniciar os questionamentos que o encontro com a negritude traz, as decisões sobre o próprio corpo não irão alterar a forma como as mulheres negras veem o mundo.

*“Eu até discordo um pouquinho da influência do cabelo (na identificação como mulher negra) eu acho que o cabelo não vai me distinguir, a minha, a cor da minha pele, eu sou negra. Meu cabelo, claro, sim alisei, ou trançava ou modificava, assim como o branco muda o tom do cabelo para vermelho ou pra preto.” (Alicia)*

Alicia concorda e comprova que a alteração do cabelo após se reconhecer como mulher negra não influencia em se sentir mais ou menos negra.

## 5.2 RELAÇÃO COM A AUTODENOMINAÇÃO COMO MULHER NEGRA E A LIGAÇÃO COM A SUA RAÇA/NEGRITUDE

O processo de reconhecimento é delicado e muitas vezes pode ser marcado por um ato racista. Sobre este momento, tivemos diversos relatos das participantes. Algumas delas sempre se denominaram como negras, mas tiveram contato de fato com a negritude quando mais velhas, assim, como há quem realmente se autoidentificou como mulher negra mais tarde. Neste momento, tentamos identificar como/se o livro ajudou a recordar sobre essa autoidentificação e se houve ou não momentos durante a leitura que elas acreditavam ser difícil ou impossível de acontecer.

*“Na verdade, eu me descobri negra recentemente, eu venho de um processo da escola, ensino fundamental até recente, porque como eu falei no início, eu tinha vergonha de usar o meu cabelo solto, e eu não sabia cuidar...2017-2018 que eu me considero mesmo, que eu vi a minha identidade como negra sabe? [...] é porque as pessoas falam ai tu é morena, tu é mulata, parda tu é, não eu não sou, pras várias pessoas sou de tudo quanto é jeito, raça, maneira. Mas o importante é o que eu me considero e o que eu tento passar para as pessoas, eu acho que é isso.” (Nathália)*

*Mas também o meu descobrimento assim, pra dizer que eu sou negra mesmo, foi com 15 anos, quando eu tirei as tranças e comecei a usar o meu cabelo, que eu fui arrumar mesmo. Essa identificação aconteceu junto com a evolução do meu cabelo, é isso. (Ravena)*

*Eu me descobri negra desde 10 - 12 anos (Alicia)*

Enquanto algumas mulheres tiveram a compreensão de se descobrir negras ao lidar ou passar pela transição com o seu cabelo, muitas não tiveram este contato direto com a negritude a partir de um “momento” de se compreender como uma mulher negra e no que isso implica. Isso não qualifica uma mulher como mais ou menos negra e está ligado diretamente ao estereótipo de que negros são todos iguais. Pessoas negras são singulares, em seus atos, vivências, experiências, assim como todas as outras. O processo de reconhecimento comprova isso. Há diferentes modos de se compreender como mulher negra e todos são válidos.

Ser uma mulher negra implica em conviver com somas de preconceitos e discriminações relacionados ao gênero e à etnia (NIEMEYER, 2002, p. 61) e nem sempre mulheres negras estão dispostas a reconhecer isso. O processo de reconhecimento de negritude é doloroso, é um processo onde se identifica diversas vivências as quais antes da negritude não eram relacionadas ao racismo diretamente. Compreender a sua negritude é ver que há locais onde mulheres negras não são bem vindas, é reconhecer que sempre haverá dúvida sobre a sua índole. Muitas vezes, os nós que se recebe durante a vida estão relacionados à cor da sua pele. A autoidentificação não se refere apenas a reconhecer que a cor da sua pele é diferente, que o seu corpo produz mais melanina, mas sim, o que isso acarreta na sua vida diariamente.

*“Então, eu me descobri, eu sempre soube que eu era negra, porque eu sempre fui retinta, sempre tive a pele muito escura. Então era tipo, não passava pela minha cabeça ser morena, eu não era morena, eu não era parda, eu era Negra e eu tinha que “lidar” com isso.. Faz mais ou menos 6 anos, sabe, assim, que eu entendi que eu sou negra e que tá tudo bem. ” (Carla)*

O colorismo é um fator que necessita ser levado em conta quando falamos sobre a autoidentificação. Mulheres retintas podem vir a se reconhecer de formas diferentes. Enquanto mulheres *light skin* podem se indagar sobre a questão do ser ou não ser negra, mulheres retintas já nascem com essa certeza. Podemos perceber isso entre as falas das participantes Carla, uma mulher negra, grávida, retinta de 21 anos e Nathália, uma mulher negra, *light skin* de 20 anos. Enquanto Carla declara que desde sempre soube que era negra por ser uma mulher retinta, Nathália relata que se identifica como uma mulher negra apenas no ensino médio.

*Uma amiga me ajudou muito nisso, ela disse: “morena, morena, ai tu não é morena, tu é NEGRA”. E isso foi tipo, é realmente eu sou negra e aí eu fui encontrando a minha essência. Eu não me aceitava muito como negra, “ah mas meu pai é branco, minha mãe é morena, não é negra”. Aí eu entendi, que minha mãe é negra, meu pai é branco, uma mistura, mas eu sou negra, eu me considero assim. (Nathália)*

Podemos comparar o relato da Nathália com o da Carla que está logo acima. Mesmo sendo mulheres negras, suas vivências são diferentes, elas se veem de forma diferente, porém mesmo assim ambas são negras. Apesar dos desafios comuns enfrentados pelas mulheres negras como um grupo, elas não têm experiências semelhantes. A existência de temas centrais não significa que elas respondam a esses temas da mesma maneira. Diferenças entre mulheres negras individuais produzem padrões diferentes e conhecimento experiencial que,

por sua vez, moldam reações individuais aos temas centrais. (COLLINS apud BUENO, 2020, p. 78)

Um questionamento que tínhamos sobre o livro era se ele de alguma forma iria chocar, ou trazer alguma situação a qual as participantes não reconhecessem. Para a nossa surpresa, apenas uma delas se impressionou com algum relato do livro. A Carla, que foi a única a relatar que houve um estranhamento com um relato:

*Eu acho que pra mim, uma parte, não que eu achasse que não acontecesse, mas que me deixou, um pouco, me deixou constrangida por saber que aquilo, que uma pessoa poderia pensar aquilo, foi da moça que foi viajar com um alemão e que acharam que ela fosse uma prostituta sabe? Tipo, por mais que a gente tenha de que tem uma sexualização e tudo mais, mas ao ponto de tu achar que a pessoa é prostituta? Eu não tenho nossa, grandes problemas em ser prostituta, não é essa a questão. A questão é que tipo porque ela teria e porque oferecer outro cliente, no caso. Onde tu te sentiu na intimidade de falar uma coisa tão esdrúxula pra pessoa e de ainda se achar no direito de tipo, argumentar com aquilo sabe.*

Historicamente, o corpo de mulheres negras têm sido apropriados pela branquitude como forma de lhes satisfazerem, como forma de lazer. Este relato pode nos mostrar como um indicativo de como corpos femininos negros são erotizados e fetichizados, mesmo quando estão apenas existindo. (BUENO, 2020, p. 121) Acreditamos que, por ser um livro com mais de 20 relatos, alguns deles poderiam ser interpretados de forma diferente, algumas das participantes poderiam não se ver, ou não ver um dos relatos como possibilidade de acontecer, porém percebemos o contrário. Todas identificaram os relatos como possíveis e principalmente como reais. Neste ponto da Carla, conseguimos perceber como o corpo da mulher negra é hipersexualizado e que, baseada no relato do livro, mulheres negras são vistas como mulheres apenas para se ter relações sexuais, o que remete às imagens de controle, conceito de Patricia Hill Collins escrito pela Winnie Bueno, que está diretamente ligada a como a sociedade vê uma mulher negra.

A autoidentificação como mulher negra transpassa diversos conceitos, e diversas imagens de controle que são impostas. As imagens de controle estão em todas as fases da vida das mulheres, desde jovens até mulheres idosas. Mulheres negras nascem com o conceito de hiperssexualização, com a imagem de controle da *pretty baby* que consiste puramente na hiperssexualização de meninas negras, desde cedo é preciso lidar com isso, com apelidos, com o famoso “morena” e com a ideia da sociedade que o corpo negro é um corpo público, um corpo para servir. A Carla, uma das participantes do grupo se mostrou muito incomodada com isso, no relato Livre para Amar #SQN é narrada uma situação onde uma mulher negra está viajando com seu namorado que eventualmente branco e estrangeiro

(alemão) e quando ela anda sozinha pelo hotel, ela é questionada sobre querer ser “acompanhante” de um outro homem. Dando a entender que ela seria uma acompanhante sexual por ser negra. Baseada no relato do livro, na hiperssexualização do corpo das mulheres negras, e da ideia que o corpo negro é público, Carla declara sobre a sociedade: “*Eu ser negra não te dá direito a isso, eu ser negra não te remete a isso ou aquilo.*” A ideia de que mulheres negras estão aqui para servir segue sendo um dos maiores ideais da branquitude, seja servir cuidando de seus filhos, cuidando da sua casa, limpando o seu pátio ou servindo homens brancos.

### 5.3 VIVÊNCIA, NEGRITUDE, HIPERSSEXUALIZAÇÃO E RELACIONAMENTOS.

Acreditamos ser necessário um tópico para debater apenas questões pontuais sobre a negritude destas mulheres: sobre a solidão da mulher negra, vivências racistas que marcaram estas mulheres, hiperssexualização e mais.

O racismo acompanha mulheres negras desde jovens, boa parte dos negros tem o seu primeiro contato com o racismo no primeiro contato com a escola. Este primeiro contato pode ser uma lembrança negativa para o resto da vida destas pessoas.

*“Já no jardim da infância tem uma passagem muito forte que foi no balé, de biquíni, aquele ana maria, de bolinha amarelinha. [...] E lá foi o maior reconhecimento, porque o meu cabelo não dava pra fazer a chuquinha da ana maria, a chuquinha da ana maria era lisa e loira, **então essas passagens elas são muito fortes e a gente traz, a gente internaliza e vem trazendo junto**” (Fabiana)*

*“Quando eu era mais nova eu dançava num grupo de CTG. [...] Me viram de vestido de prenda né, daí uma menina falou assim **“ai que que essa neguinha tá pensando vestido de prenda” “olha a neguinha vestida de prenda”** falaram isso, tipo foi uma coisa, eu tinha 12, 13 anos, foi bem bem bem marcante para mim.... **Depois que eu ouvi essa menina falando que eu era a neguinha vestida de prenda, eu desisti, saí do grupo**” (Ravena)*

*A minha filha mais velha, a gente usava trança, [...] eu trabalhava e era uma forma prática, eu trançava no domingo, ela ficava a semana toda. **Até que o apelidos dos colegas incomodavam, ela foi Bob Marley, ela foi cipó, ela foi, sei lá, n apelidos que a gente teve que lidar e eu tive que ir pra escola e reclamar e brigar e obrigar que respeitassem ela e o penteado ela, porque essa era quem ela era.** (Fabiana)*

Histórias como essas podem perdurar na vida dessas mulheres para sempre, a falta de preparo em escolas é um agravante. A infância é momento de formação e conhecimento, a

pergunta que nós fazemos é: com que tipo de referências crianças negras saem do ensino fundamental?

Quando perguntamos a essas mulheres sobre relacionamentos e hiperssexualização chegamos em um dos momentos mais tocantes do grupo, o qual houve emoção, olhos lacrimejando e voz embargada. Como já comentamos, o processo para encontrar a negritude é árduo e doloroso, porém para mulheres negras há um momento ainda mais crucial, gerar um filho. Este é o momento em que uma mãe sabe que seu filho será tratado de forma diferente, que ele irá sofrer racismo, tivemos uma fala que abrange tudo isso:

*“É por isso que eu luto todos os dias para que meus filhos tenham um futuro melhor e todos os dias, assim, eu não acredito, por exemplo, que a Milena tenha que dar esse ensino. **“Meu filho não corre, meu filho não responde, meu filho não sai com isso na mão, tu pode ser mal interpretado”** né, são momentos do nosso dia a dia, que nós mulheres, principalmente mãe negras, temos que ter uma postura diferente diante da educação dos nossos filhos. **E isso é grave assim porque a gente nunca tá sossegado, nunca tá sossegado né, são n momentos, descobrir que aquele lugar não é teu.**” (Fabiana)*

Alinhado ao medo de ter filhos podemos por a imagem de controle da matriarca, que coloca as mulheres negras, principalmente as mães negras como responsáveis pelas condições de vida precária da negritude. Principalmente a mães que não ficam em casa o dia todo com seus filhos, mães que precisam trabalhar e as que são culpabilizadas pelas condições de miserabilidade, violência e até mesmo a morte dos seus próprios filhos. (BUENO, 2020, p. 95)

Essas mães são obrigadas a ensinar aos seus filhos como sobreviver em uma sociedade hierárquica e machista, na qual, a vida destas crianças, principalmente sendo homens, está em risco. Sendo a maior porcentagem de assassinato e encarceramento no Brasil.

Segundo pesquisa do IBGE 63% das mães solas do Brasil são mulheres negras, além disso, 63% das casas chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza. (IBGE, 2016, *online*) Junto com a responsabilidade de gerar e educar uma criança negra muitas mulheres precisam sustentar a própria família sem o apoio do pai. Mulheres negras são a maior porcentagem de mães solas. Além de serem responsáveis pelo sustento da casa, elas precisam encontrar uma forma de educar seus filhos.

*Eu recém to me descobrindo mãe né, então me dói muito pensar em tipo a minha criança pode passar pelas mesma coisa que eu passei, já passaram 20 anos desde então, e nada mudou, nada evoluiu, a minha filha, agora eu sei que é uma menina, mas quando eu li eu ainda não sabia, e eu tentando*

*me colocar naquelas histórias de tipo e se for um menino como que ele vai agir. (Carla)*

Ser mãe de uma criança negra é compreender que haverá momentos em que o seu filho irá sofrer por ser apenas quem ele é. O fato de mulheres negras serem abandonadas pelos pais de seus próprios filhos, faz com que elas se fechem para relacionamentos e foquem apenas em seus filhos - fazendo com que a solidão da mulher negra se agrave ainda mais. Mães solas sentem na pele esta solidão, estas mulheres estão sozinhas com seus filhos para criar, sem ajuda de ninguém, precisando trabalhar.

*“Eu acho que tá tudo muito ligado sabe, isso da hiperssexualização e da solidão e porque a partir do momento que tu é objeto tu não é “mulher pra casar” sabe. Então tu é a pessoa pro sexo, pra transar, pra ter relações sexuais, a pessoa pra curtir, pra se aproveitar, mas na hora de firmar um compromisso na hora de, né assumir aquela relação, eu acho que pesa muito mais quando a mulher é negra. Eu na minha família, eu tenho, a minha mãe se tornou mãe solo quando meu pai, aos meus sei lá 12 -13 anos decidiu que não seria mais pai, resolveu ir embora e aí a minha mãe se tornou mãe solo a partir dali. E eu via o quão difícil pra ela era sabe, **aquela questão de não é questão de não ter um namorado, mas de estar sozinha, sozinha, sem ter alguém pra contar, de estar sozinha arcando com tudo isso.**” (Carla)*

*“Essa questão, da mãe, da mulher, esse recorte da mulher negra hiperssexualizada ele é grave, ele é grave. Tipo falando de experiência pessoal desde que eu me libertei do casamento, algumas vezes, alguns flertes algumas coisas assim, né. **A mulher negra ela é o furacão da madrugada, mas ela só serve para servir o café, não para tomar o café né, ela não é a mulher da brisa da manhã e isso é uma coisa que realmente causa na gente uma estranheza a ponto da gente não querer arriscar se relacionar.**” (Fabiana)*

A hiperssexualização destas mulheres está intimamente ligada com a questão da solidão da mulher negra. Desde o período escravocrata, mulheres negras eram vistas como animais, os quais eram utilizadas de mulas, para trabalhar e como objeto de satisfação sexual. Além disso, mulheres negras são diariamente submetidas a uma comparação inferiorizante em relação a mulheres brancas. Essas comparações são realizadas pelo grupo dominante, homens brancos e negros, sendo assim, homens negros constantemente trocam mulheres negras pelas mulheres brancas a fim de ficar com a “melhor”. (BUENO, 2020, p. 83-85)

*Aqui to falando exatamente da minha vivencia enquanto mãe, negra, solo de 4 jovens negros, né. **Eu não posso arriscar ser usada por alguém.** [...]A solidão da mulher negra é muito discutida, mas ela é muito pouco sentida, sentida não, a gente sente muito, sente demais. A solidão, ela é mais que real, ela é um fantasma, porque a gente sabe que os homens que se aproximam da gente eles não veem pra conhecer a pessoa, eles vem pra conhecer o corpo e o que aquele corpo é capaz de fazer. (Fabiana)*

***Não eu sou forte, eu não preciso disso, eu vou criar minha filha, eu consigo manter a minha casa e eu sou forte pra isso.** (Alicia)*

Pensando no melhor para os seus próprios filhos, percebemos que as mulheres negras participantes do nosso grupo de leitura preferem se abster de relacionamento em nome de seus filhos. De certa forma essas mulheres abrem parte de experiência e de se relacionar por medo.

#### 5.4 MULHERES NEGRAS E A COMUNICAÇÃO

A representação de mulheres na mídia foi baseada no padrão estético, em corpos padrões, mulheres hiperssexualizadas e com pouca roupa. Isso se aplica a mulheres negras embora a representação dessas mulheres na televisão, por exemplo, seja quase nula, historicamente. Quando indagamos as participantes do grupo sobre como elas se sentiam com a representação de mulheres negras na mídia, elas se mostraram muito observadoras.

*“Sobre a questão de representatividade na TV principalmente, sempre teve uma ou outra atriz negra que compunha a cena né, e uma das coisas que me irritava muito é que a negra tinha que ser a empregada doméstica, e isso era uma coisa que me incomodava desde criança, mesmo antes de eu entender o que isso significava.”(Carla)*

*“Aqui no Brasil em algumas partes ainda somos muito, não somos vistos ainda, né? Mas estamos correndo atrás, as meninas que falam na internet nesses blogs, as blogueiras estão em ascensão, né. Eu acho que nós estamos caminhando pelo rumo certo, eu acho que os nossos filhos vão ter um lugar melhor, uma visão melhor e que sociedade nos veja melhor, né vamos caminhar pra i.” (Alicia)*

*“Eu fui perceber isso nas propagandas de shampoo, principalmente que agora acho que tem a da Pantene que agora colocaram mulher negra, por causa que o cabelo crespo tá bem na moda, então colocaram uma mulher negra para representar.” (Nathália)*

*“Eu comecei a enxergar todas as séries que eu olho todos os programas que eu olho, eu sempre fico procurando negros, não é possível que tem um documentário com sei lá, 15 pessoas que são especialistas e não tem um negro que seja especialista neste assunto que tá falando, sabe?” (Ravena)*

Os relatos das participantes coincidem com o que vemos nas mídias hoje, pouca representação, reforçando a supremacia branca. Mulheres negras ocupam o total de 7% dos papéis na TV. Nas mídias digitais os processos têm mudado, graças a *internet*, hoje contamos com algumas influenciadoras digitais negras, que conseguiram atingir grandes marcos de seguidores no Instagram. Porém, estamos longe da representação ideal. Ao abrir um livro, olhar para a televisão, assistir um filme quase não vemos pessoas negras, quando olhamos



para esses locais, especialmente na mídia de massa, vemos que houve poucas mudanças nos domínios da representação. (hooks, 2019, p. 28)

Quando perguntamos a essas mulheres que participaram do grupo de leitura se elas se lembravam de alguma figura representativa na mídia, recebemos respostas como a atriz Taís Araújo, a Miss Universo negra Zozibini Tunzi, as jornalistas Glória Maria, Maria Julia Coutinho (Maju). Infelizmente na mídia de massa não vemos muitas portas abertas para novas mulheres negras. Assim como as mídias de massa, não vemos muitas diferenças na literatura, há livros de pensadoras do feminismo negro que estão sendo traduzidas após 20 anos ou mais de obra publicada. Estamos andando, as coisas estão mudando, mas muito lentamente.

Sobre questões que marcaram as participantes ou críticas que elas têm sobre a mídia atual, uma delas levantou o fato de que a falta de representação na mídia, a faz deixar de consumir determinado produto.

*“Eu ainda enxergo um buraco muito grande entre a realidade e a mídia, né? A mídia é essa propagandista, né? Que é para nos seduzir e nos vender. Ainda há um muro muito grande ou talvez um abismo muito grande, entre quem são os reais consumidores e o modelo que tu mostra que vende e funciona, né. É uma coisa bem incômoda, é uma coisa muito difícil... Mas no restante, até sei lá, no rótulo do papel higiênico, tem uma loira limpando né? Aquele papel é pra limpar cu de loira, não de negro. **Infelizmente a gente se enxerga muito pouco nisso tudo.**” (Fabiana)*

*“Isso sempre foi também outra coisa que me incomodava, **porque não tinha propaganda de como aquela roupa ficaria numa pele negra, não tinha propaganda de maquiagem.** Bom maquiagem para pele negra recentemente estão começando a fazer alguns tons né? E que eu também tive muita dificuldade porque eu gostava muito de maquiagem, mas eu não conseguia achar base para o meu tom, não consegui achar pó. [...] **Porque nos comerciais não passavam, nunca passava.**” (Carla)*

A população negra é maioria no Brasil, se as marcas não representam a maioria populacional, então elas estão perdendo dinheiro e realizando uma publicidade para o público-alvo errado. A população negra consome, e movimenta muito dinheiro, o que percebemos é a falta das marcas alcançarem este público e chegarem neste nicho.

Ainda sobre a representação na mídia, algumas alternativas que as participantes encontraram, entre elas migrar de uma mídia para outra, neste caso, da televisão para a *internet* e também usar as ferramentas que a *internet* disponibiliza para apoiar essas mulheres que estão representando tantas outras na mídia.

*“E eu sentia falta dessa representatividade na TV, fui para a internet conseguir um pouquinho, mas ainda sentia muita falta, hoje em dia eu já acho que estamos, em menor número ainda, mas melhor representada em melhores posições, sabe? E isso é bem gratificante pra mim, ver que tá, não era eu só que me incomodava com aquilo, tem outras mulheres assim.” (Carla)*

*“Agora eu sempre procuro e tento divulgar mais o trabalho também das pessoas que são, de todo mundo né, negras assim. Blogueiras que são negras e que isso não existia antes mesmo, agora que a gente tá tendo mais visibilidade.” (Ravena)*

Seguindo a linha das mídias, entramos no assunto do livro entre as entrevistadas. A literatura é uma mídia impressa, que já vem se atualizando com *e-books* e aparelhos de leitura. Porém, nem sempre encontra-se literatura escrita por mulheres negras. Atualmente temos algumas autoras negras em evidência, como Djamilia Ribeiro, bell hooks, Sueli Carneiro, Winnie Bueno, Patricia Hill Collins, Bianca Santana e entre outras autoras.

Infelizmente os livros são de difícil acesso a população pobre e isso claramente dificulta a difusão do conhecimento. Segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2015 a 2019 a porcentagem de leitores caiu de 56% para 52%, totalizando 4,6 milhões de leitores perdidos em 4 anos (TOKARNIA, 2020). A população brasileira em média lê menos de 3 livros por ano, o incentivo à leitura muitas vezes se perde durante o ensino fundamental e muitos jovens não retornam ao hábito de ler.

Quando perguntamos as participantes o que elas achavam sobre o livro, se ele deveria ser amplamente divulgado e de que forma elas fariam isso, tivemos excelentes respostas. O grupo ficou realmente animado com o livro e percebemos que foi uma leitura bem aceita, aliás algumas das participantes até indicaram o livro para outras pessoas.

*“A partir do momento que eu li eu já indiquei em um monte de grupo. Eu falei que todo mundo precisava ler aquilo. [...] Eu acho que porque é **representatividade mesmo, porque eu nunca tinha lido um livro feito por uma negra, com histórias negras, nunca tive um tipo uma identificação assim tão forte com uma história com todas as histórias ali.**” (Ravena)*

*“Eu acho que sim, também. **Porque eu me identifiquei, eu gostei do livro. Abriu minha mente pra muitas coisas, eu acho que divulgar na rede social que hoje em dia, né.**” (Nathália)*

*“**Acho extremamente necessária, uma leitura assim poderia ter situado muito mais pessoas, sabe? Assim como ela fala ali no começo do livro, que alguém precisou dizer para ela que ela era negra, as vezes mais pessoas se reconheceriam e entenderiam o seu lugar assim.**” (Carla)*

*“Eu também acho importante divulgar, acho bem interessante porque contou um pouco da nossa história. **Contou um pouco do que ocorre, as vezes nem é mim, mas de qualquer uma de nós...talvez falar mais um pouco no livro também de coisas boas das conquistas que os negros estão tendo agora né, e ali fala bastante,***

*mas fala muita coisa que choca, que dói, que mexe bem com a gente com as coisas ruins. Vamos contar um pouquinho da história boa, da nossa história boa, que tá começando agora florescer.” (Alicia)*

No fim do encontro nós compreendemos que um livro pode desencadear diversos sentimentos nas pessoas, em especial com o livro “Quando me Descobri Negra” da autora Bianca Santana, pois nós conseguimos dialogar e realizar trocas que sem ele não seriam possíveis. Todas as cinco mulheres que participaram deste grupo de leitura por mais de duas horas se dedicaram e abriram seu coração e a sua história para que este trabalho fosse realizado. Felizmente temos mulheres negras que escrevem para outras mulheres negras. Com a literatura podemos ter amparo, aprendemos e conseguimos levar ensinamentos que não imaginávamos antes, eu agradeço por ter tido contato com essas mulheres e por terem me permitido compartilhar um pouco das suas vidas.

## 5.5 PERCEPÇÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE O GRUPO

No decorrer da elaboração deste trabalho compreendemos que a contribuição das participantes seria essencial para que alcançássemos um bom resultado final. Felizmente todas de forma muito espontânea e conseguimos dados muito ricos para que pudéssemos analisar e finalizar este trabalho. O grupo de leitura foi realizado em uma situação adversa e tivemos que adaptá-lo para *online*, e felizmente isso não impossibilitou que as participantes contribuíssem e conseguissem absorver os sentimentos que o grupo se propôs a fazer.

Ao fim do encontro, antes de encerrarmos e agradecermos, pedimos para que as mulheres ali presentes enviassem um *feedback*<sup>16</sup> sobre o encontro, como se sentiram, como foi para elas aquele momento. Nós queríamos que elas expusessem como foi a experiência da forma delas, por isso, aceitaríamos, fotos, colagens, poemas, textos, áudios, enfim, a forma que elas se sentissem confortáveis de compartilhar conosco.

A partir de seus depoimentos, conseguimos mensurar que o nosso grupo de leitura foi um sucesso. Um dos objetivos era provocarmos essas mulheres a indagar questões que nunca haviam refletido e principalmente incentivá-las a questionar e repensar diversos assuntos. Entre os *feedbacks* tivemos uma fala da Alícia: “[...] Adorei nossa conversa, por mais momentos assim”. O grupo de leitura foi pensado para ser um local seguro e de reciprocidade, onde essas mulheres pudessem expor seus sentimentos e todas as questões que a rodeavam, felizmente conseguimos isso.

---

<sup>16</sup> Retorno das participantes com opiniões sobre o encontro online.

Além disso, conseguimos trazer a questão da leitura para essas mulheres, como já abordado, muitas mulheres negras perdem o contato com a leitura ou até mesmo nunca criaram esse hábito. Com a escolha do tema e principalmente do livro queríamos que houvesse uma identificação pelas participantes, que sentissem emoção ao ler algo que foi escrito por alguém como elas. A Ravena nos revelou que

*[...] Essas emoções não são despertadas com frequência devido a falta de representatividade negra na literatura. É questionável ainda se existe uma literatura feita para negros da maneira que esse livro foi composto. (Ravena)*

Para nós este estudo já foi de grande êxito apenas por proporcionar que essas mulheres tivessem um local para debater e se sentissem bem. Compreendemos como dialogar sobre raça, classe e gênero pode ser difícil para mulheres negras, principalmente quando abordamos discriminações tão presentes no dia a dia. Felizmente as participantes se sentiram agradecidas por participarem e por fazerem parte do nosso trabalho. Ainda sobre o relato das participantes:

*“Eu fiquei muito feliz com o convite, me senti muito honrada de fazer parte do teu trabalho e acredito que foi um novo olhar assim sobre a Literatura escrita por mulheres negras, sobre a autoria das mulheres negras. Enfim, eu gostei bastante.” (Carla)*

*“Além de me sentir representada a cada palavra, ainda tive a oportunidade de compartilhar o que estava sentindo e tomar conhecimento dos sentidos despertados em outras mulheres negras espetaculares que se dispuseram a compartilhar as suas experiências.” (Ravena)*

A participação e a contribuição de todas essas mulheres foram fundamentais para que chegássemos nesse resultado, somos gratas pelo tempo que dispuseram e por se abrirem e compartilharem conosco suas vidas, histórias, angústias e felicidades, para que possamos ajudar outras mulheres a compreenderem a sua própria raça.

Terminamos este capítulo e, por consequência, esta monografia com uma colocação de uma das nossas participantes sobre o nosso trabalho, que venham muitos outros como este.

*“[...] Quem sabe com a leitura de relatos tão reais e profundos as pessoas reflitam e se sintam convidadas a melhorar a suas maneiras de pensar e se expressar. Para que possamos nos sentir parte de uma sociedade e não sermos diminuídos a uma minoria sem voz e sem história.” (Ravena)*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente trabalho mensuramos a importância que a literatura pode exercer na vida das pessoas, sobretudo, no reconhecimento racial de mulheres negras. A leitura pode auxiliar diversas mulheres a compreenderem a sua negritude e os acontecimentos presentes em suas vidas. Assim, concluímos o nosso principal objetivo que era de analisar, a partir da realização de um grupo de leitura, como a leitura e a partilha de experiências contribui para o reconhecimento dos processos de autoidentificação entre mulheres negras

No segundo capítulo pudemos observar como o racismo paira por nossa sociedade, dialogando sobre o racismo estrutural, institucional e individual. Atrelado a isso, algumas das consequências que pessoas negras são submetidas apenas pela cor da sua pele, entre elas genocídio e ter seus direitos negados. Já no terceiro capítulo priorizamos os conceitos que consideramos importantes para o reconhecimento e a identificação de mulheres negras com a sua etnia. Entre eles podemos citar o colorismo, as imagens de controle e muitos outros.

Desta forma, pudemos, através destes capítulos, alcançar o nosso segundo objetivo específico que se referia a: avaliar as questões que podem facilitar ou dificultar o processo de reconhecimento como mulheres negras. Assim compreendemos que questões como o colorismo, a transição capilar, a participação de movimentos, como o feminismo negro, podem auxiliar mulheres negras não só a se reconhecerem como tal, mas a compreenderem a sua negritude.

Esta monografia também se configura como uma experiência positiva ao utilizar majoritariamente pessoas negras como referências para o trabalho. Conseguimos utilizar majoritariamente mulheres negras como referenciais teóricos, situação que não é comum em trabalhos acadêmicos. Assim, contribuímos para a valorização de pessoas negras como referência e para que cada vez mais, mulheres negras ocupem a academia.

Com a execução do grupo de leitura e de todas as etapas descritas na metodologia deste trabalho, conseguimos alcançar todos os nossos objetivos. Entre eles, o objetivo que compunha o primeiro lugar nos nossos objetivos específicos: perceber a contribuição da leitura do livro nas relações pessoais das leitoras referente ao seu reconhecimento como mulher negra, através dos feedbacks das participantes do grupo de leitura e das suas falas durante o mesmo. Conseguimos compreender e perceber que um livro como o “Quando me descobri negra”, de Bianca Santana, pode não só auxiliar mulheres que estão começando ou se indagando sobre a sua raça a reconhecê-la, mas também a mulheres que já se reconhecem

e compreenderem outras questões sobre a sua negritude, normalizando e se compadecendo com experiências que já foram vividas por elas.

Contemplamos, através das contribuições das participantes durante o grupo de leitura, o nosso terceiro e último objetivo específico, que se tratava de Identificar o papel da mídia em geral no reconhecimento dos processos de autoidentificação e de representação de mulheres negras. A mídia de massa é considerada pelas mulheres consultadas neste estudo um ambiente que ainda não atende todas as suas necessidades de representação, prioritariamente em comerciais, aos quais elas não conseguem identificar produtos e produções que foram pensadas para o público negro.

Este estudo contribui para a inserção de mulheres negras na academia e destas mesmas mulheres tendo contato com uma literatura que talvez nunca conheceriam. É como uma produção em cadeia, onde as mulheres que estiveram presentes e participaram deste estudo possam passar para frente o que aprenderam e passar também o afeto por uma literatura, por uma produção que foi pensada para mulheres como elas.

Além disso, esta monografia foca não apenas em demonstrar como o racismo acontece com mulheres negras, mas também para construir uma referência que possa servir como um apanhado de informações sobre o reconhecimento destas mulheres. Através deste estudo esperamos que mulheres que buscam questões sobre reconhecimento racial possam encontrar em um só local diversos conceitos explicados de forma simples e direta, como um ponto de partida para o estudo destes conceitos.

Por este trabalho ter sido realizado durante uma pandemia, compreendemos que tivemos diversos limites. Desde o início desta pesquisa ,o grupo de leitura era para ser de forma presencial e com mais mulheres. Porém, com o COVID-19, com implicações que uma pandemia pode causar no convívio e na saúde mental das pessoas envolvidas, isso não foi possível. Deixamos claro que este estudo se refere a vivência de cinco mulheres negras distintas e não pode ser compreendida como uma análise de todas as mulheres negras, afinal, somos seres individuais e diferentes.

Acreditamos que esta pesquisa pode abrir portas para muitas outras no futuro. A continuação de grupos de leitura é uma possível variante de pesquisa, a aplicação de questões a outras mulheres também pode ser compreendido como um fator variante. Tem-se como intuito realizar-se mais pesquisas neste mesmo campo, unindo mulheres negras e literaturas escritas por mulheres negras, assim aproximando a academia desse público.

Esta monografia<sup>17</sup> abriu diversos caminhos para mim, como pesquisadora, principalmente por conseguir agrupar tantas mulheres diferentes em um só lugar. Com este trabalho compreendi como outras mulheres negras reconhecem a sua negritude e as mais diversas questões que passamos todos os dias. A pesquisa e o processo de escrita foi um desafio para mim como uma mulher negra, principalmente durante o grupo de leitura, onde tive contato com a vivência de outras mulheres. O processo de construção deste trabalho foi doloroso, mas também satisfatório. Terminei o meu contato com a graduação deixando um trabalho ao qual tenho orgulho de poder ter construído e de ter contribuído não apenas com a academia, mas com o movimento negro e com tantas mulheres que tive contato.

---

<sup>17</sup> Neste momento peço licença para escrever em primeira pessoa, como autora deste trabalho para concluir com as minhas experiências adquiridas no decorrer deste processo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. (Org.). **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

CAPITAL, Redação Carta. **Cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país, indica relatório**. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CARNEIRO, Júlia Dias. **Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora**. BBC NEWS, 10 maio de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CARVALHO, Andressa. **"As mulheres negras e a transição capilar: empoderamento, consumo e padrão estético."** (2016). Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16911/Carvalho\\_Andressa\\_2016\\_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16911/Carvalho_Andressa_2016_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 maio 2020.

CRIOLA. **Alisando o nosso cabelo**. Tradução: Ia Maria dos Santos. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://criola.org.br/alisando-o-nosso-cabelo/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CRUZ, Milena Freire de Oliveira. **Entre estereótipos e a desnaturalização das representações de gênero na publicidade**. In: CRUZ, Milena Freire de Oliveira. *Publicidade e desigualdade: leituras sobre gênero, classe e trabalho feminino*. 1. ed. rev. Porto Alegre: Editora sulina, 2018. cap. 4.3, p. 92-98. ISBN 9788520508145.

EDDO-LODGE, Reni. **Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Tradução: Elisa Elwine. [S. l.]: Editora Letramento, 2020. 220 p. ISBN B087JTHWP9. *E-book* (220 p.)

ESTADÃO, O. **Só 2 em cada 10 brasileiros admitem ser preconceituosos, diz pesquisa do ibope**. Brasil, 9 out. 2017. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,so-2-em-cada-10-brasileiros-admitem-ser-preconceituosos-diz-pesquisa-do-ibope,70002034390>. Acesso em: 1 maio 2020.

ESTARQUE, Marina; CAMAZANO, Priscila. **Mulheres negras protagonizam só 7,4% dos comerciais**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/mulheres-negras-protagonizam-so-74-dos-comerciais.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2020.

ESTARQUE, Marina; CAMAZANO, Priscila. **Negras ganham menos e sofrem mais com o desemprego do que as brancas**. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/negras-ganham-menos-e-sofrem-mais-com-o-desemprego-do-que-as-brancas.shtml>. Acesso em: 1 dez. 2020.



FENAJUD. **Um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos no Brasil, denunciam entidades.** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://fenajud.org.br/?p=8060>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FERREIRA, Ana Gabriela. **Colorismo (parte 4).** Bahia, 18 de março. 2020. Instagram: @professora.anagabriela. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-ftTt-FMTk/?igshid=30a1x10b4umo>. Acesso em: 10/07/2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. 375 p. ISBN 85-260-0869-2.

GARCIA, Karla. **O que o Brasil precisa aprender sobre inclusão de pessoas negras no mercado.** Brasil, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/inclusao-pessoas-negras/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

GELEDÉS. **Grávidas negras e pardas recebem menos anestesia no parto.** [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gravidas-pardas-e-negras-recebem-menos-anestesia-no-parto/>. Acesso em: 20 dez. 2020./

GHIROTTTO, Edoardo. **Pesquisa exclusiva: 61% dos brasileiros acham que o país é racista.** VEJA, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/pesquisa-exclusiva-61-dos-brasileiros-acham-que-o-pais-e-racista/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

GOVERNO FEDERAL. **Mapa do Encarceramento aponta: maioria da população carcerária é negra.** Brasil, 3 jun. 2015. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias\\_sep/pt-br/noticias/junho/mapa-do-encarceramento-aponta-maioria-da-populacao-carceraria-e-negra-1](https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias_sep/pt-br/noticias/junho/mapa-do-encarceramento-aponta-maioria-da-populacao-carceraria-e-negra-1). Acesso em: 2 jun. 2020.

hooks, bell. **Olhares negros: Raça e representação.** [S. l.]: Editora Elefante, 2019. 356 p. ISBN 978-8593115219.

Ipea. **Estudo traça perfil do professor de educação básica no Brasil** [S. l.], 2017. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30449&Itemid=9#:~:text=Os%20professores%20brancos%20s%C3%A3o%20,as%20negras%2035%2C9%25](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30449&Itemid=9#:~:text=Os%20professores%20brancos%20s%C3%A3o%20,as%20negras%2035%2C9%25). Acesso em: 20 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: Episódio de racismo cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. [S. l.]: Cobogó, 2019. 248 p.

KAH, Henry Kam. KWAME NKRUMAH E A VISÃO PAN-AFRICANA: ENTRE A ACEITAÇÃO E A REJEIÇÃO. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, p. 152. Disponível em:

[https://ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/Austral-Vol.5-9\\_portugese.pdf#page=150](https://ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/resources/docs/Austral-Vol.5-9_portugese.pdf#page=150). Acesso em: 11 fev. 2021

MADEIRO, Carlos; UOL, Colaboração. **Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos**. Brasil, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em: 6 maio 2020.

MARTIS, Carlos Augusto de Miranda e. **O consumidor não tem cor, mas negro ele não é. Ou como os negros continuam fora da publicidade mesmo estando dentro do mercado consumidor**. Brasil, 20 nov. 2019. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/431/382/1517-1>. Acesso em: 20 julho. 2020. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (org.). **O negro nos espaços Publicitários Brasileiros: Perspectivas Contemporâneas em Diálogo**. São Paulo: Imprensa oficial de São Paulo, 2011. cap. 8, p. 211-219. ISBN 978-85-7205-086-9. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/431/382/1517-1>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Portal Geledés, 2010. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/?gclid=CjwKCAiAwrf-BRA9EiwAUWwKXmDeXodzSQpA3g13xayj1LKMJbOipicDAi2kHAJFC9bb11URPMK\\_ChoCkQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/?gclid=CjwKCAiAwrf-BRA9EiwAUWwKXmDeXodzSQpA3g13xayj1LKMJbOipicDAi2kHAJFC9bb11URPMK_ChoCkQAvD_BwE). Acesso em: 2 dez. 2020.

NIEMEYER, A. M. de. **O silenciamento do “negro” na auto-identificação étnica: um estudo com adolescentes de duas escolas públicas paulistanas**. RUA, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 43–72, 2015. DOI: 10.20396/rua.v8i1.8640733. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640733>. Acesso em: 11 jun. 2020.

Oliveira, M. O. R. D., Luce, F. B., Sampaio, C. H., Perin, M. G., Santini, F. D. O., & Santos, M. J. D. (2017). **Análise da qualidade dos artigos científicos da área de marketing publicados no brasil: as pesquisas survey na década de 2000**. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 23(1), 54-87.

PIRES, Renato. **O negro como modelo publicitário**. Revista Propaganda, São Paulo, n. 40, p. 10-18, 1988.

REDAÇÃO, BBC NEWS. **George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida**. BBC, 31 maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 25 ago. 2020.

REDAÇÃO, Exame. **IBGE: População negra é a principal vítima de homicídio no Brasil**. [S. l.], 13 nov. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/ibge-populacao-negra-e-principal-vitima-de-homicidio-no-brasil/>. Acesso em: 29 maio 2020.

REINHOLZ, Fabiana. **A literatura pode reverter a desvalorização do olhar das mulheres negras no Brasil:** A afirmação é de Winnie Bueno, que está com um novo projeto que leva a leitura de escritoras negras às periferias. Brasil de Fato, 3 set. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/03/a-literatura-pode-reverter-a-desvalorizacao-do-olhar-das-mulheres-negras-no-brasil>. Acesso em: 22 jan. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018. 120 p. ISBN 9788535931136.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2016.

SILVA, Dilma de Melo. **A imagem do negro no espaço publicitário**. Brasil, 20 nov. 2019. Disponível em: <http://www.casasemio.com.br/ckfinder/userfiles/files/negropublicidade.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (org.). O negro nos espaços Publicitários Brasileiros: Perspectivas Contemporâneas em Diálogo. São Paulo: Imprensa oficial de São Paulo, 2011. cap. 1, p. 19-24. ISBN 978-85-7205-086-9. Disponível em: <http://www.casasemio.com.br/ckfinder/userfiles/files/negropublicidade.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2020.

SILVA, Vitória Régia da. **Um retrato das mães solo na pandemia**. Genero Numero, 15 jun. 2020. Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SOUZA, Claudete alves da Silva. **A solidão da mulher negra: Sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 174 p. Dissertação Mestrado (Mestre em Ciências Sociais) - PUC - SP, Claudia, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3915/1/Claudete%20Alves%20da%20Silva%20Souza.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2021.

STEVANUX, Débora. **A mulher negra não é vista como um sujeito para ser amado**. Claudia, 4 jan. 2021. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/a-mulher-negra-nao-e-vista-como-um-sujeito-para-ser-amado/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão. Grupos focais. Metodologia**. Trad. Luciane D'Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. Santa Maria: FACOS UFSM, 2005.

TOKARNIA, Mariana. **Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos:** Dados fazem parte da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Agência Brasil, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>. Acesso em: 22 jan. 2021.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. **Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional**. Revista de Estudos Feministas, seminário de Labeurb, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n354025>. Acesso em: 10 abr. 2020.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: “Quando me descobri negra” - Pesquisa qualitativa através de um grupo de leitura.

Pesquisador responsável: Renata da Silva Freitas

Orientadora do Trabalho: Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Instituição/Departamento: Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda/ UFSM

Telefone e endereço postal completo: Avenida Roraima, 1000, prédio 21, sala 3999, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Grupo de leitura realizado online

Eu, Renata Freitas, juntamente com minha orientadora Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, responsáveis pela pesquisa “Quando me descobri negra” - Pesquisa qualitativa através de um grupo de leitura, a convidamos a participar como voluntária deste nosso estudo.

Por meio desta pesquisa pretende-se identificar os resultados da leitura do livro “ Quando me descobri negra” pelas mulheres negras participantes do clube do livro. Acreditamos que ela seja importante porque fará com que possamos compreender a forma que o livro e outros diversos processos influenciaram/influenciam no reconhecimento de mulheres negras. Para o desenvolvimento deste estudo será feito o seguinte: Um grupo de leitura será realizado de forma online, após a leitura prévia do livro “Quando me descobri negra”. Sua participação constará em ler o arquivo do livro que será enviado previamente e debater sobre as questões que o livro levantou.

Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos desconforto em algumas questões abordadas durante o debate, indagações sobre assuntos considerados como delicados e de origem pessoal.

Os benefícios que esperamos como estudo são identificar e compreender questões que podem auxiliar no reconhecimento de raça, além de produzir um trabalho científico que possa auxiliar outras mulheres neste processo.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com alguma das pesquisadoras.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

**Autorização**

Eu, Andiara Porto, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando explícito para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura da voluntária



Assinatura da responsável pela obtenção do TCLE

Local,

**Autorização**

Eu, Camilla Froelich, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando explícito para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura da voluntária



Assinatura da responsável pela obtenção do TCLE

Local,

**Autorização**

Eu, Elifrancis Silva de Souza, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando explícito para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura da voluntária



Assinatura da responsável pela obtenção do TCLE

Local,



**Autorização**

Eu, Eliziane Zane, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando explícito para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura da voluntária



Assinatura da responsável pela obtenção do TCLE

Local,

**Autorização**

Eu, Jessica Cristina Santos, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando explícito para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Jessica', with a large, stylized flourish that loops back under the name.

Assinatura da voluntária

A handwritten signature in black ink that reads 'Renata da S. Freitas' in a clear, cursive script.

Assinatura da responsável pela obtenção do TCLE

Local,